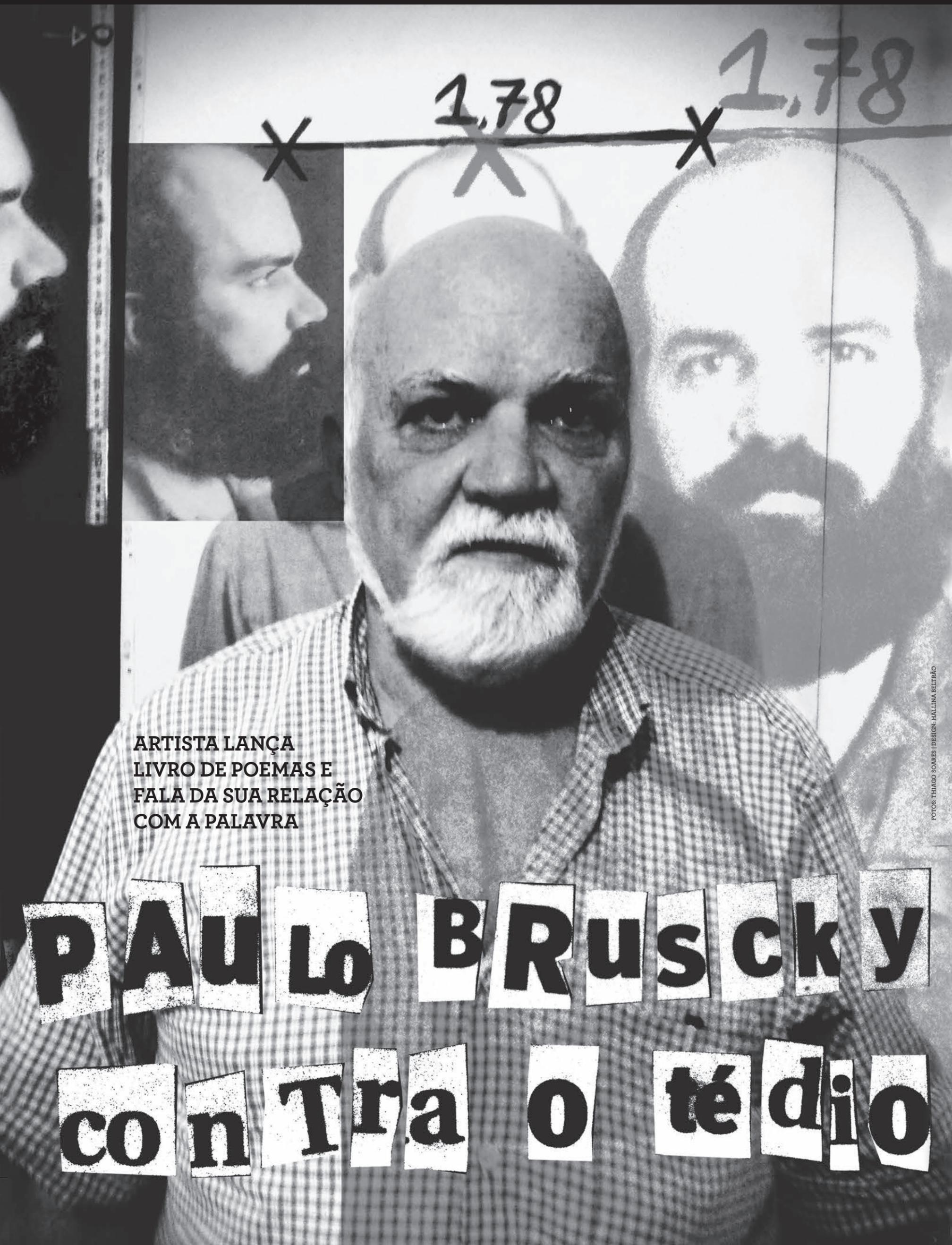


PERNAMBUCO



ARTISTA LANÇA
LIVRO DE POEMAS E
FALA DA SUA RELAÇÃO
COM A PALAVRA

PAULO BRUSCKY CONTRA O TÉDIO

FOTOS: THIAGO SOARES | DESIGN: HALINA BELTRÃO

GALERIA MARIANA CALDAS

Tirei essa foto no carnaval de 2010, em Pouso da Cajafba, uma viagem cheia de amor e aprendizado. No final do ano, em outro momento pessoal – de dor, de repensar a vida e os valores – eu reencontrei essa frase do Nelson Rodrigues e lembrei da foto. Era o casamento perfeito: o equilíbrio dinâmico do amor.

<http://poeme-se.tumblr.com/>



COLABORADORES



José Luiz Passos, professor de literatura na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. É autor do romance *Nosso grão mais fino*.



Luís Henrique Pellanda, jornalista e escritor. É autor dos contos de *O macaco ornamental* e da coletânea de crônicas *Nós passaremos em branco*.



Thiago Soares, jornalista e professor do Departamento de Pós-Graduação da UFPE. É autor do livro de ensaios *Videoclipe – O elogio da desarmonia*.

E MAIS

Anco Márcio Tenório Vieira, professor do Departamento de Letras da UFPE e autor do livro de ensaios *Adultérios, biombos e demônios*. **Fernando Monteiro**, autor de *A cabeça no fundo do entulho* e *O grau Graumann*. **Joca Reiners Terron**, vencedor do Prêmio Machado de Assis de Romance 2010 da Fundação Biblioteca Nacional por *Do fundo do poço se vê a lua*. **Rafael Rodrigues**, jornalista e escritor, autor de *O escritor premiado* e outros contos. **Siba**, cantor e compositor.

CARTA DO EDITOR

Paulo Bruscky é um dos nomes mais singulares da arte brasileira contemporânea. Ele não se satisfaz apenas em criar obras; sua preocupação maior parece ser instigar o público, fazê-lo pensar e questionar suas certezas. Quando soubemos que ele lançaria seu primeiro livro de poemas, foi a chance de trazer para o **Pernambuco** seu universo bastante particular, repleto de ressignificações. Thiago Soares conversou com Bruscky e escreveu um texto em que o importante é justamente brincar e debater convenções: é uma reportagem mais costurada por lembranças do que por certezas. O repórter foi “capturado” pelo jeito Bruscky de enxergar o mundo!

Também permeada por esse universo *sui generis* é a arte que ilustra a matéria. Feita pela designer Hallina Beltrão, a partir das fotos de Thiago, as imagens retomam a estética de xerografia, uma das marcas da obra de Bruscky. Como o primeiro livro de poemas do artista é lançado com uma tiragem limitada de 150 exemplares (todos assinados pelo artista), iremos disponibilizar suas páginas no nosso site www.suplementope.com.br.

Outro destaque desta edição é a crônica que o cantor e compositor Siba escreveu, na qual ele passa em revista o universo poético do seu álbum *Avante*. Vale conferir ainda a entrevista que a escritora Adriana Lunardi concedeu a Luís Henrique Pellanda, cheia de curiosas reflexões sobre o papel da escrita: “Ao invés de pensar sobre o sentido de tudo, sou obrigada a resolver um problema de narrativa ou procurar a palavra exata, a frase certa, o andamento para determinada passagem. A arte é uma maneira de superar o tempo e matar tempo.”

Em 2012, o **Pernambuco** completa cinco anos. Para marcar a comemoração, lançaremos este mês uma reunião dos principais textos que a coluna Bastidores já publicou, com o título *Ficcionais*. Na obra foram reunidos alguns dos principais autores brasileiros revelando seus processos de composição, expondo os problemas teóricos e pessoais que atravessaram suas criações. Estão lá nomes como Ana Maria Machado, Bernardo Carvalho e Ronaldo Correia de Brito. Foi a nossa forma de dividir com você, leitor, a efeméride.

Boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes, Debóra Nascimento, Ingrid Melo, Mariana Oliveira e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Janio Santos, Karina Freitas, e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Vivo, até que o sangue pare de escorrer de vez

Escritor comenta como o seu novo romance o persegue há 20 anos. *Guia de ruas sem saída* é sua estreia na Editora Edith, que abriga nomes como Marcelino Freire

JANIO SANTOS



Joca Reiners Terron

1. **Ao final da noite** do lançamento do *Guia de ruas sem saída*, um amigo me deu carona até minha casa. Quando desci do carro, fechei a porta na própria mão. Ficou uma marca de sangue pisado na unha do dedo médio. Desconfio que só vou me livrar por completo da sensação de ter escrito o livro depois que a mancha sumir.

Meu receio, evidentemente, é que a unha pare de crescer e fique assim, estagnada, durante meses, anos e séculos, e eu nunca me livre por completo desse livro. Tenho medo que não tenha saída, como seu título indica. Aprisionado a ele para sempre, eu nunca mais escreveria outro. Pensando bem (e meus detratores talvez concordem), não seria má ideia.

2. Um mesmo livro pode ser começado inúmeras vezes. É raro, na verdade, que um livro tenha somente um único e detectável início. Existem livros que começam no meio e às vezes no final. Outros têm tantos começos, mas tantos, que acabam por se cansar e morrem ali mesmo, no princípio. É muito comum de acontecer, e bastante triste também: são os livros natimortos.

A primeira vez que o *Guia* começou foi há uns vinte e tantos anos, num feriado na casa de meus pais. Eu estudava Arquitetura no Rio de Janeiro então, e não tinha muitas chances de visitá-los e aos meus irmãos (minha família vivia a uns mil quilômetros de mim). Tenho dois irmãos, sendo que o caçula, Paulo, tem 11 anos de diferença. Devia ser difícil para ele entender o motivo de seu irmão mais velho ter ido embora de casa aos 17 anos.

Naquele dia o Paulo me mostrou uns desenhos que fazia. Entre eles, estava o Homem-Escada, um super-herói que havia criado. Eram dois rabiscos verticais, daqueles de criança, atravessados por rabiscos horizontais que mostravam uma escada com cabeça, braços e pernas, além da capa esvoaçante. Perguntei ao Paulo quais eram os superpoderes daquele herói, e ele me explicou que se tratava de uma coisinha bem simples: o Homem-Escada ajudava as pessoas a chegarem a um outro lugar. Em sua maluquice infantil, o Paulo talvez estivesse me dizendo de um jeito meio poético que gostaria de receber minha visita mais vezes.

3. Faz três semanas, desde o lançamento, que não consigo fazer nada a não ser olhar para a mancha de sangue na unha. Ela parece se movimentar, e adquire estranhos formatos dia a dia. Hoje, por exemplo, lembra um labirinto. Ontem, parecia o Pato Donald. Não consigo estabelecer qualquer relação entre uma forma e outra, mas gosto de ambas. Sempre apreciei

os testes de Rorschach, e é um barato carregar no próprio corpo manchas que se metamorfoseiam, permitindo novas leituras a cada manhã.

Um livro em progresso é mais ou menos isso, uma espécie de oráculo privado que se movimenta e nunca está no mesmo lugar em que o deixamos na noite anterior. Joan Didion gosta de passar as noites no mesmo cômodo em que escreve, pois “de algum modo o livro não te abandona quando você dorme ao seu lado”. O problema é aplicar esse método a um livro que nos acompanha durante anos, e que começa e recomeça infinitas vezes. Se recomeça, é porque o perdemos de vista. Fugiu; desapareceu – recomeçou.

4. A segunda vez que o *Guia* começou foi há cinco anos, quando minha ex-mulher se mudou abruptamente de São Paulo levando nossa filha com ela. Foram morar a uns mil quilômetros de mim. De novo, essa distância, a mesma quantia de metros, centímetros e milímetros. Deve significar algo, mas o quê?

Não sei.

5. O leitor que tiver alguma informação sobre *Guia de ruas sem saída* deve se perguntar o que esses fatos pessoais podem ter a ver com a “trama” do livro, que relata a viagem de um homem acompanhado da mulher para receber transplante de fígado, e a busca de outro órgão por sua família, talvez imaginária. E eu respondo: não sei.

A proverbial irritação dos escritores com a mania de os leitores confundirem ficção com autobiografia faz sentido, pois toda ficção é autobiográfica. É óbvio, pô. Nem sempre é possível estabelecer paralelos entre a vida do autor e o resultado do livro, e este último até pode surgir de uma ideia inventada ou de um fato ouvido por aí, mas não pode ser preenchido, estofado, empalhado ou inflado com outra matéria-prima que não vida.

Assim como não é possível, é claro, que o leitor leia o livro sem enfiar a sua porção pessoal de experiência na história, pois, como me ensinou Gonçalo M. Tavares numa entrevista, “não saímos da vida para ir ler, e depois voltamos”. Ambos, escritor e leitor, inflam autobiografia nos livros que escrevem/leem. É a partir daí que os livros afinal começam a existir, ficam em pé e saem caminhando por aí.

6. Por um longo tempo eu observo a mancha de sangue na unha. Dia após dia, o labirinto se contorce, e ela parece se conformar num ponto de interrogação, que aos poucos vai diminuindo, diminuindo, até virar um ponto final.

Em alguns dias, os últimos traços de sangue pisado somem no fundo da lixeira do banheiro. Então faço cálculos e concluo que a unha precisou crescer uns mil quilômetros até a mancha desaparecer.

CARTUNS

JEAN GALVÃO

[HTTP://JEANGALVAO.BLOGSPOT.COM.BR](http://jeangalvao.blogspot.com.br)



FICÇÃO



Antonio Tabucchi, 1943-2012

1. O primeiro volátil chegou nesta minha dimensão de treva com cartas que retratam damas vestidas de roxos túrgidos, como carnes secretas, um homem, uma mulher, a noite que nestas latitudes cai de repente e, nisto, José, passaram-se dez anos desde o dia em que deveríamos ter nos conhecido na Califórnia, sua última carta me tocou profundamente, mas permita que antes lhe diga uma coisa, não acredite muito no que afirmam os escritores, eles mentem, é uma cerimônia símile ao striptease, talvez os escritores tenham simplesmente medo, o resto são nuvens, por exemplo, tenho um romance ausente com uma história que quero contar, não fantasmas meus, apenas presenças penadas, em cada esquina a companhia de fantoches, com eles virá um dia lindo, tenha certeza, ou melhor, diria até que já é verão, mesmo da treva é impossível não reconhecer o verão, acontece que quem escreve não é confiável, já disse, e receio que ainda esta noite tenhamos mau tempo.

2. Agora que o corpo é fonte de sentido e a alma fonte do mal, tudo o que disse ou disser já está dito e redito pelos moralistas do mundo, por exemplo, a pedra e o cão dão sinais de melancolia, e também a frase viver entre dois mundos é uma vantagem, frase que é sua, talvez seja mentira, ainda não foi provada, resta apenas saber como, em qualquer que seja esse mundo, dos olhos nascem mágicas e do cão o rabo ventila igualmente as moscas e as queixas de seu dono, ora, na metade do céu o segundo volátil me disse justamente isso, a dúvida te visitará de novo, Antonio, e lhe respondi que a verdade é que já gosto deste país, porém a vida, José, eu lhe digo, é preciso saber levá-la, pois sei que não se deve escrever aos mortos, mas você

também sabe perfeitamente que em certos casos escrever aos mortos é apenas uma desculpa.

3. Nesta região de serras em que não mais ando só, minha companhia de fantoches está indiferente aos rigores do tempo, ao desatino do comércio, pois nenhuma relação existe entre o doce e a raça e, como a mim, a dúvida também o apanhará em casa, meu colega, e com ela virá o tédio da dúvida, aliás, a propósito disto, lembro que o terceiro volátil me veio na semelhança de um pequeno leão branco com o rosto de uma atriz havaiana, os seus mamilos apontados e castanhos, e também um pênis discreto conforme a delicadeza dos gatos, ela ou ele me falava como a Calipso que segue o vácuo do eterno e vê seu marinheiro desmoronar buscando o avesso do próprio eterno no colo de outra mulher, imite a paixão de D. Pedro por Inês de Castro, o volátil me falou, na ampliação do ruído tu anulas o banal, era a realidade fora da realidade, José, nossos olhares devolvidos, enfim, naquela noite quente me vinha o rancor da geladeira, que estancava apenas para recomendar sua sanha de conselhos, e dali o terceiro volátil súbito chegou mais perto, como num sopro, e disse que o espanto condensado no homem era realmente o único gelado de Deus.

4. O professor Klopp, de Ohio, está certo, essas vozes, outras vozes, como recuperá-las da garganta banal da história, dos jornais, dos televisores?, mas também penso no oposto, o que será que o próprio professor Klopp vai dizer quando lhe aparecerem os seus voláteis?, provavelmente nada, disto tenha certeza, a maioria permanece em silêncio e assim chega a negar essa presença, por exemplo, José,

SOBRE O TEXTO

A nosso convite, **José Luiz Passos** escreveu esse necrológio ficcional para lembrar o italiano Antonio Tabucchi, o mais internacional dos escritores europeus.

REPRODUÇÃO



se tivéssemos nos encontrado na Califórnia você talvez me dissesse, num café, bem aqui, Antonio, Foucault costumava comer os seus sanduíches, ora, esta frase é um volátil, e como não?, com seu rostinho aberto a direções contrárias, mascando as oportunidades possíveis, convenhamos, meu colega, aquele nosso desencontro foi minha quarta criatura, você com o réquiem de Pessoa a postos para uma aula, parecia um jovem professor Klopp, espero que me desculpe a graça, agora brinco, é que morri, e Klopp confirmou o fato no *New York Times* de 4 de abril, com sua lisonja de sempre comentou o seguinte, Antonio é único, diferente dos seus conterrâneos, interessado que está na traição, no remorso, no perdão, enfim, interessado que estou no pecado, ele disse, e nisto somos parecidos, pena que eu, você e Klopp não possamos sair para jantar juntos, pediria sardinhas com batatas, azeite e vinho verde, pois morri, José, morri e ainda me apetece o cardápio frugal de um verão português.

5. Meu caro, se os voláteis lessem, eis o que escreveria a um deles em particular. Querido volátil número cinco, lembro que naquele dia acordei misturado às noções que a noite fabrica, estava em casa, cedo ainda, na casinha onde morei quando não tinha deixado a família, em Pisa, onde meu pai comerciava cavalos e os alemães batiam os coturnos em meio às bombas aliadas, isto era no meu tempo de miúdo, de repente você chega voando, acompanhado, fiquei surpreso com a visita, eram um casal?, pedi que entrassem e fui ao banheiro me olhar no espelho, estava de pijamas, com uma camiseta branca e calças azuis, meu rosto parecia o de alguém que acabava de ter acordado, por algum motivo não conseguia trocar

de roupa, então fui para sala conversar, lembro que era uma conversa sem razões nem lamentos, apenas a vontade de falar, verdade que não conseguíamos dar início à prática, pois logo me fixei no sexto volátil, o seu companheiro de olhinhos escuros, penas pretas e chapéu de feltro lançando sombras variadas no chão, às vezes um volátil é um pequeno coro, fiquei contente, os meus tios também estavam ali, e outras pessoas vinham chegando, a casa agora parecia cheia, nossa conversa precisava esperar, então fomos dormir, creio que vocês foram para uma árvore ou ficaram pela sala, não sei, fui para o meu quarto, deitei na cama e fiquei escutando as bombas destroncando a minha cidade e os alemães, ouvi isto por vários anos, até conseguir pegar no sono.

6. No dia seguinte só restava o volátil número seis, tímido e com as suas muitas sombras, então saímos para tomar um táxi que virou um comboio, a paisagem lá fora era estranha, não tinha bem certeza onde era, saltamos na estação à beira de uma ponte e começamos a andar entre uma multidão de pessoas apressadas, cruzando por cima de um rio caudaloso e de um verde profundo, logo que saímos da estação, eu havia notado o clima mais quente e o dia claro, ventava bastante, a ponte era alta e levava os passantes até uma cidade ao pé de uma colina, no meio da travessia paramos para apreciar a paisagem e me dei conta de onde estávamos, era Lisboa, mas uma Lisboa diferente, menor, de bonecas, então olhei para o meu volátil, mas ele continuava calado, o vento tinha assanhado suas penas escuras, estendi a mão em sua direção, tinha medo de que ele me desse as costas ou levantasse voo, tudo me soava frágil, eu queria apenas afastar as sombras que o vento es-

palhou e estavam lhe cobrindo o rosto por baixo do chapéu, pensava que sua memória de outros brutos, que precisam alcançar, por conta própria, a bruma do corpo, faria com que meu sexto volátil tivesse alguma desconfiança de mim, mas não, cheguei com a ponta dos dedos até o seu rosto e lhe clareei os olhinhos por trás das penas, lembro que na hora elas me pareceram grossas, cheias daquela trama delicada, como se fossem cabelos, e com isto deixei de notar o calor, o vento, as pessoas, olhei em volta e decidi lhe contar uma coisa nova, diferente, sobre mim, que não havia mencionado antes, achava que seria uma surpresa, mas o volátil me disse que não, que ele já me conhecia muito bem, depois sorriu, e só então iniciamos a nossa longa conversa.

7. Neste instante, em que aguardo a sétima e derradeira criatura, que talvez nem seja fêmea, digo que não basta estar vivo, pois pode-se estar vivo e ser inocente, e um olhar inocente nada vê, ora, e entre o que mais quis ver está um país de barcas, autos e cantigas, agora fechemos os olhos, José e meus voláteis, quem quiser ver de Antonio uma excelência, onde sua fineza mais se apura, perpétuas saudades me tenham, que tudo muda uma áspera mudança, e afinal falem de mim como sou e nada menos, nem soado em qualquer malícia, digam de alguém que amou com palavras, porém nunca demais, alguém sem zelo fácil, mas se alarmado perplexo ao extremo, alguém cujas mãos, como as do navegante, buscaram fora uma terra mais rica que a de seus pais, alguém que de olhos saudosos, embora estranhos ao humor dissolvente, vigiou os homens e as suas histórias tanto quanto as figueiras que entornam uma pele de goma alva e mendicante.

ENTREVISTA

Adriana Lunardi

“Escrevo para fugir do pensamento: o que fazer dos dias?”

No seu novo romance, a escritora fala para todos aqueles leitores que sobreviveram à infância e permaneceram fascinados pelo universo de Hans Christian Andersen

FOTO: MÁRCIA FOLETTO/DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Luís Henrique Pellanda**

Cada resposta de Adriana Lunardi é um fósforo que ela risca, uma chama que parece aquecê-la e iluminar o ambiente à sua volta. E, a cada fósforo aceso, uma nova visão se descortina, tanto para a autora quanto para os seus leitores. É mais ou menos como na famosa narrativa de Hans Christian Andersen, que ecoa até no título do mais recente romance de Adriana, *A vendedora de fósforos* (Rocco, 2011). O tal conto “infantil” – sobre a morte de uma menina na véspera de Natal – é o preferido dessa escritora catarinense, nascida em Xaxim, em 1964, e radicada no Rio de Janeiro desde o final da década de 1990. Aliás, na entrevista abaixo, ela diz que, ao lançar este livro, descobriu que os

fãs da “menininha dos fósforos” formam uma verdadeira legião, numerosa e apaixonada.

E já que falamos – como sempre – em infância, não custa citar, aqui, uma das falas mais marcantes da narradora deste romance de Lunardi: “A infância não é provisória”. Para a protagonista de *A vendedora de fósforos* – uma menina/mulher sensível e com pretensões literárias, presa a uma família complicada que, por conta do trabalho do pai, não criava raízes em lugar nenhum – a infância é a chave de sua história. Na epígrafe do livro, Adriana (ou sua personagem) anota: “Escreverei as lembranças de minha irmã para falar de mim com mais verdade”. E é assim que ela segue escrevendo, tanto seus livros quanto as respostas para uma entrevista: por vias indiretas, mas seguras, contando histórias para “desviar de um assunto”.

Aceitando como real a declaração da narradora de *A vendedora de fósforos*, quando ela diz que “contar uma história sempre funciona se a gente quer desviar de um assunto”, é inevitável perguntar: de qual assunto você gostaria de desviar ao escrever esse romance, ao contar essa história? Mais do que tudo, escrevo para fugir de um pensamento absurdo e muito antigo: o que fazer dos dias? A ideia de que a vida é uma experiência única e breve é aterrorizante. Sabendo disso, vêm as perguntas: quais as coisas certas a serem feitas? O que é realmente importante? Onde usar o tempo? É fato que quando escrevo nada disso me preocupa. Todos os problemas e questionamentos de uma vida se transferem para as personagens que estou criando. Ao invés de pensar sobre o sentido de tudo, sou obrigada a resolver um problema de narrativa ou procurar a palavra exata, a frase certa, o andamento para determinada passagem. A arte é uma maneira de superar o tempo e matar tempo. Ao menos é assim que eu me sinto quando escrevo e também quando leio um livro.

Em seu livro, a oficina literária surge como um ambiente de crueldade. Da parte do professor e dos alunos, há uma boa dose de sadismo; da parte dos alunos e da narradora, certo masoquismo. Às vezes, tem-se até a impressão de que as oficinas funcionariam como grandes grupos de análise. É uma interpretação possível? E a literatura, o meio literário? Será que se alimentam essencialmente desses tipos complicados de relação entre as pessoas e o mundo?

Para começar, todo candidato a escritor que procura uma oficina está querendo fugir da angústia do papel em branco. O papel em branco é o deserto e suas provações. Dá para entender que se busque companhia para atravessá-lo. O que precisa ser dito, acho, é que dá para aprender – e muito – nas oficinas.

“Escrevo para um leitor que se sente pouco à vontade no mundo e que encontra nos livros um lugar possível para ser quem é

Técnicas narrativas, em especial, que irão ajudar na hora da escrita. O que em geral se vê são alunos em dúvida quanto ao seu talento, a sua capacidade de escrever. Pensam, erroneamente, que deviam ter uma faculdade de expressão pronta. Ora, a literatura não é só expressão; ela é invenção, sobretudo, ou melhor, a reinvenção particular, pessoal, de um idioma. E creio que você tem razão: é de tipos complicados, erráticos, queixosos, inoportunos, infelizes, vaidosos, traumatizados, que surgem os livros, que é feita a literatura.

A família retratada em *A vendedora de fósforos* tem o hábito de renomear tudo o que vê, dar novo nome às coisas e pessoas que fazem parte de seu dia a dia, apelidos internos, irônicos, líricos, e sua narradora diz que aquela prática “tinha a função de encolher o tamanho do mundo”. No *Gênesis*, Deus também concede ao homem a oportunidade de dar nomes às aves e às feras que dividem com ele o Paraíso — e Adão acaba dando nome até ao gênero feminino. Esse privilégio é tido como uma espécie de transferência de poder. Ao criar um universo pessoal e renomeá-lo, o escritor não estaria exercendo um pouco desse poder ilusório?
No máximo, ele estaria exercendo o poder de sua imaginação, eu acho. Um poder legítimo, ainda que

passível de ser derrubado por um único leitor — poder frágil, portanto. Em meu romance, quis retratar essa capacidade comum a todo ser humano de adonar-se do mundo, torná-lo de um tamanho compreensível, adaptado ao seu entendimento. Todo mundo tem um mundinho. O artista talvez explore mundinhos com a coragem que tinha na infância. Mas até as crianças sabem quando estão brincando. Não fosse assim, entraria num universo onipotente, que por definição se torna incomunicável. O que já não é brincadeira, nem pode ser arte.

Sua narradora diz que não acredita em textos escritos para o próprio autor ler, e que “até um suicida entende a importância de um bilhete para quem fica”. Duas perguntas: você escreve para quem? E: você acha que livros também são uma espécie de bilhete aos que ficam?
A minha resposta na ponta da língua é: escrevo para um leitor que se sente pouco à vontade no mundo e que encontra nos livros um lugar possível para ser quem é e para experimentar, ao mesmo tempo, como seria se estivesse na pele de outra pessoa. À parte o universo de conhecimento que produzem, os livros são também bilhetes curtos e longos, cartas de amor, jogos de linguagem, confissões, relatos de viagem, retratos, fantasias, sonhos, escritos com todas e nenhuma intenção, todas e nenhuma ambição, porque — só para

completar o seu raciocínio lá de cima — mesmo explicando o seu gesto, o suicida sabe que nunca será entendido.

Lemos, num trecho do seu livro: “A literatura sempre há de perder para a realidade, não tenham dúvida; porém, quem escolhe a realidade acaba, cedo ou tarde, se sentindo um tolo”. Há como optar entre realidade e literatura? Você já fez a sua escolha? Numa entrevista ao *Rascunho*, você disse que a arte tem em comum com as drogas ou a religião um “desejo de evasão”. Mas a literatura também não poderia invadir a realidade e, de algum modo, modificá-la?
A literatura não serve a causa nenhuma, e essa é precisamente a sua graça. Não foi para modificar a realidade que ela nasceu; foi para torná-la suportável. A realidade será sempre maior, mais relevante e muito mais improvável do que qualquer livro. Talvez por falha humana — ou por ser a nossa principal virtude — a realidade não parece possuir todos os recursos de que precisamos para chegar ao final de cada dia mais ou menos lúcidos, mais ou menos contentes, mais ou menos vivos. E onde a realidade falha, entra a imaginação — uma inevitabilidade tão orgânica quanto a fome e o sono. E o que é a literatura senão um exercício interessado de imaginação?

Naquela mesma entrevista ao *Rascunho*, você dizia que um

“O papel em branco é o deserto e suas provações. Dá para entender que se busque companhia para atravessá-lo

bom leitor é caracterizado por sua imaginação. Mas também que “as editoras devem ter leitores qualificados em seus quadros”. Há diferenças entre um bom leitor “leigo”, e um bom leitor “profissional”?

O leitor profissional é o que seleciona entre centenas ou milhares de originais aquele que entrará no mercado. Sendo assim, é quem define o que o leitor comum irá ler. Ao contrário deste, que define seu repertório pelo gosto, o leitor profissional deve antecipar-se e descobrir um tesouro — comercial ou artístico — em textos que foram lidos até então apenas pelo próprio autor e por dois ou três de seus amigos — às vezes, só pela mãe. É uma responsabilidade, portanto, em esfera decisória, que pode ou não coincidir com a literatura dita canônica, que é definida por outro tipo de leitor: o acadêmico. Assim, o leitor comum é o único que lê só por prazer. Viva o leitor comum!

A vendedora de fósforos é seu conto favorito de Andersen? Você o conhece desde menina? O que, nele, mais lhe tocou?

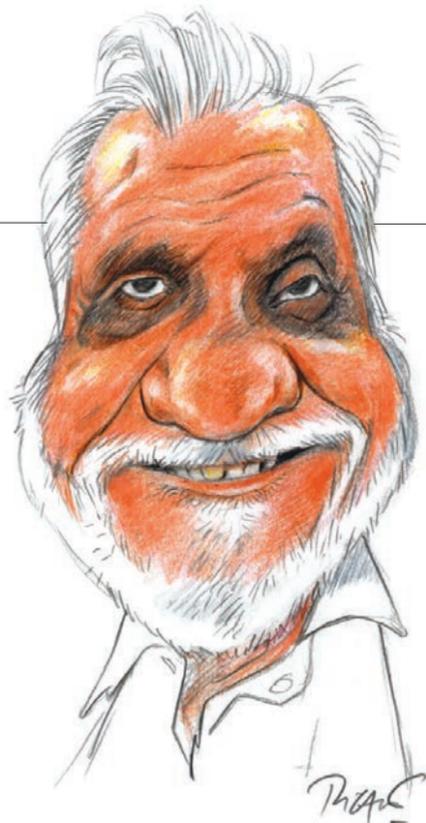
É o meu preferido entre todos os contos lidos na infância. Ao invés de uma história típica de Natal, narra a perambulação de uma criança que acaba morrendo de frio e de fome no meio da rua. O que mais me fascinava era o fato de que na chama de cada fósforo aceso aparecia uma visão, um sonho da menina, e por isso ela conseguia manter-se

viva mais um pouquinho. A genialidade do Andersen foi ter usado um cenário de neve e árvores enfeitadas, comida farta e presentes, enfim, todo o clichê da data para narrar o sofrimento atroz daquela criança. E o que dizer de um conto infantil em que a personagem morre? Desde que lancei o meu romance, descobri uma legião de devotos do conto. São as crianças de Andersen, eu digo, que sobreviveram à infância.

Literatura “não é para resolver”. Para que seria?

Para sentir coisas. Para brincar de outro. Para seguir a história de alguém. Para continuar estando onde a primeira voz nos levou ao contar um conto. Para ficar em silêncio. Para descobrir palavras. Para falar dos livros que lemos. Para emprestá-los, para pedi-los emprestado. Para descobrir um autor novo. Para descobrir um novo livro de um autor amado. Para nos identificarmos com personagens. Para achar que alguém soube dizer o que a gente já intuía. Para as horas de insônia. Para sublinhar frases. Para ficarmos sós. Para saber o que comem os beduínos e se eles usam facas. Para entender como pensam os indianos. Para descobrir a África. Para, ao final, saber que todo mundo quer o mesmo da vida. Para resistir ao tempo. Para matar tempo. Para pensar sobre a literatura. Para sentir todas as coisas.

Leia entrevista completa no site www.suplemento.com.br



Raimundo CARRERO

Uma verdadeira tempestade de lugares-comuns

Alguns escritores têm mania de repetir frases feitas e de apelar até para o absurdo

Flaubert já se preocupava muito com os lugares-comuns e as frases feitas dos escritores. Chegou a escrever um dicionário enumerando as frases repetidas à exaustão pelos franceses. Entre nós, Fernando Sabino fez o mesmo. Ainda assim, sob a alegação de que escrever é um dom, mas um dom que não precisa ser aperfeiçoado, continuamos a escrever frases que, em outras circunstâncias, seriam completamente abandonadas. Senão vejamos:

1 - TENHO UMA IDEIA NA CABEÇA

Nada mais bobo. Ideias só existem na cabeça. Basta escrever "Tenho uma ideia". Não será nos ombros nem nos braços, todos entendem claramente.

2 - O CRAQUE JOGOU MUITO BEM ENQUANTO ESTEVE EM CAMPO

Claro. "Enquanto esteve em campo" é abuso. Fora do campo ele não joga. Substituído, não participa da partida, é obvio, portanto, não merece análise.

3 - DEPOIS DA SOLENIDADE FOI SERVIDO COQUETEL AOS PRESENTES

E os ausentes não puderam beber nem comer. Que tal cortar?

4 - ATIROU NO AMIGO

Amigo não atira no outro. Nunca escreva isso. Jamais.

5 - ESTÁ CORRENDO ATRÁS DO PREJUÍZO

Imagina se encontra. Bobagem ilimitada.

6 - A CHUVA QUE CAIU ONTEM

Chuva não sobe nunca. Por favor, esqueça.

7 - MULHER, VIA DE REGRA, É ROMÂNTICA

Via de regra? Que barbaridade é esta? Nunca escreva esta bobagem. Refaça agora, urgentemente.

8 - NUMA MANHÃ ENSOLARADA

Lugar-comum horrível. Pare agora.

9 - A MULHER CAIU NOS BRAÇOS DO MARIDO

Nunca, jamais. Se você quer ser escritor com frases assim, esqueça.

10 - ASTRO REI... LÁBIOS VERMELHOS... LUA DE PRATA

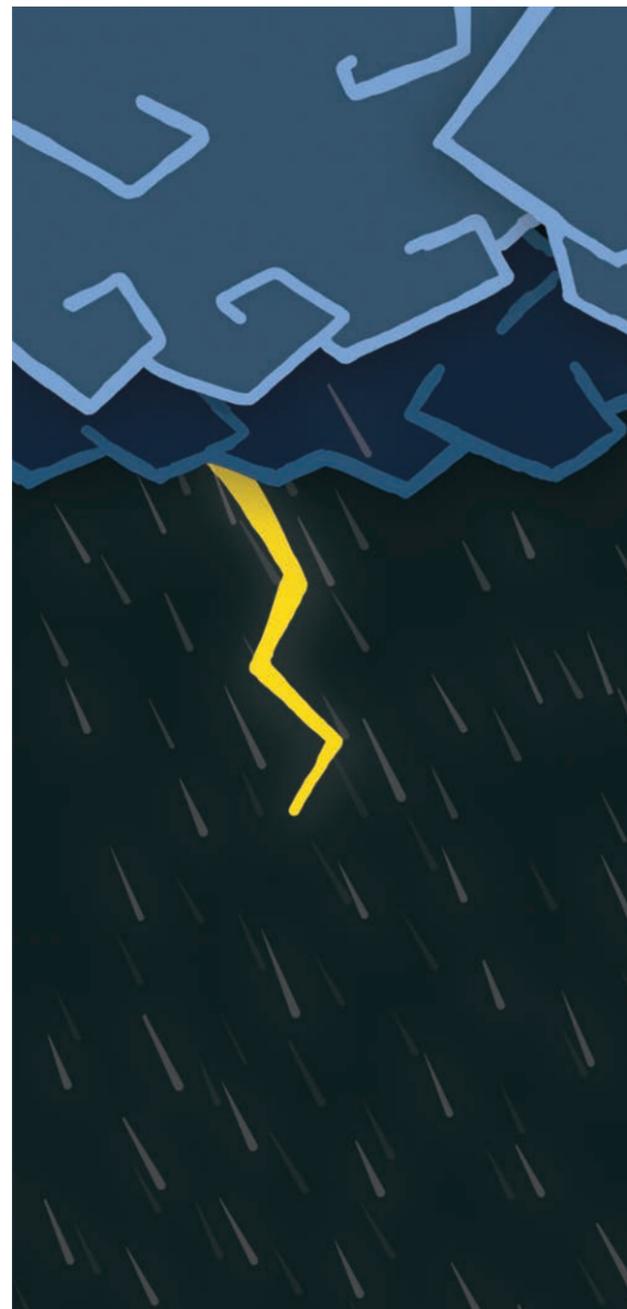
Nem pense. Mude de atividade.

11 - PREMIDO PELAS CIRCUNSTÂNCIAS

Esqueça, esqueça... isso não se faz... Apague e desista...

Este é apenas um exemplo muito rápido daquilo que encontramos em alguns livros, em alguns textos que causam surpresa. É preciso estar atento, todo cuidado é pouco para que você não aceite

JANIO SANTOS



esse tipo de inspiração. Com certeza, não é inspiração, mas cópia do muito medíocre que vai se repetindo, repetindo, e formando a má literatura que contamina muitos escritores, sobretudo os iniciantes. Expressões como essas não passam numa oficina de criação literária, porque o professor estará sempre atento. O trabalho não acaba aí. Muita coisa ainda precisa ser dita...

12 - O PROFETA FOI ACOMPANHADO POR UMA GRANDE MULTIDÃO

No *Novo testamento* esta frase aparece com frequência.

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

DEUS EX MACHINA

Um dos fundadores da Confraria dos Ventos, o carioca Victor Paes lança seu segundo livro de contos

O carioca Victor Paes (foto) é um dos fundadores do site Confraria dos Ventos, que desde a primeira edição revelou um alto nível nos projetos gráfico e editorial. Pouco tempo depois foi lançada a revista física da Confraria que, por fim, tornou-se uma pequena editora, tendo, inclusive, assimilado a Caliban, e mantido o catálogo desta sob forma de coleção. As edições da Confraria permanecem fiéis ao

ideário de excelência que desde o início norteou o jovem grupo. Agora, Victor Paes lança *Deus ex machina*, seu segundo livro de contos. Neles, o milagre da infância torna paradoxalmente mais nítido o cotidiano, a surpresa é a dobradiça que mantém a porta que se abre para um ambiente inusitado, a precisão da linguagem reafirma um narrador maduro. Enfim, um excelente livro.

CLARA GRIVICICH / DIVULGAÇÃO





Deve ser erro dos tradutores. Multidão é o coletivo de muita gente. Por que jornalistas e escritores gostam tanto dessa redundância?

13 - AONDE VOCÊ ESTÁ?

Aonde é para movimento e onde para lugares fixos. Imagine uma pessoa explicando aonde está...

14 - EM VIDA, O ESCRITOR PUBLICOU APENAS UM LIVRO...

É claro, ninguém publica depois de morto. Há livros póstumos. Respeito. Minha posição, porém,

é de descrença...Tudo bem. Um autor, porém, não publica depois que morre. Os espíritos acreditam que sim. Mas é algo espírita...

É assim que as oficinas procuram desenvolver o processo criativo, ao lado dos estudos de técnicas dos autores mais sofisticados e imprescindíveis. Por isso é fundamental a presença de um professor com grande experiência na arte de escrever romances, novelas e contos, isto é, com experiência de fazer, de montar e remontar histórias, desde as mais simples às mais complexas.

CORDEL

Poetisa Mariane Bigio cria versos infantis e lúdicos

Contemplada com o Prêmio Cultura de Literatura de Cordel – Edição Patativa do Assaré, acaba de ser lançada a coletânea *O que sou eu?*, com três cordéis infantis, para ler e colorir, da poetisa recifense Mariane Bigio, que pertence ao grupo Vozes Femininas. Ilustrados por Max Motta, os versos abordam as frutas, os bichos e as cores, desafiando a garotada a interagir, completando as estrofes.

O VALOR DO AMANHÃ

Economista escreve sobre as relações que a noção dos juros pode ter com vários aspectos do comportamento humano

Eduardo Giannetti é um economista que costuma incursionar por áreas que, aparentemente, não têm nenhuma relação com a matéria na qual é especialista. Os títulos de alguns de seus livros revelam bem isso: *Auto-engano*, *Felicidade*, *O livro das citações*, *A ilusão da alma*. Agora ele publica, pela Companhia das Letras, *O valor do amanhã*, livro do qual a cantora-compositora Marina Lima diz

que “é uma obra espetacular, que mexeu muito com a minha forma de programar a vida”. O livro, entretanto, tem como subtítulo *Ensaio sobre a natureza dos juros*. Para Giannetti, a questão dos juros transcende a economia, pode ser aplicada no planejamento da vida, “está inscrita no metabolismo dos seres vivos e permeia boa parte do seu repertório comportamental”. É para conferir.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

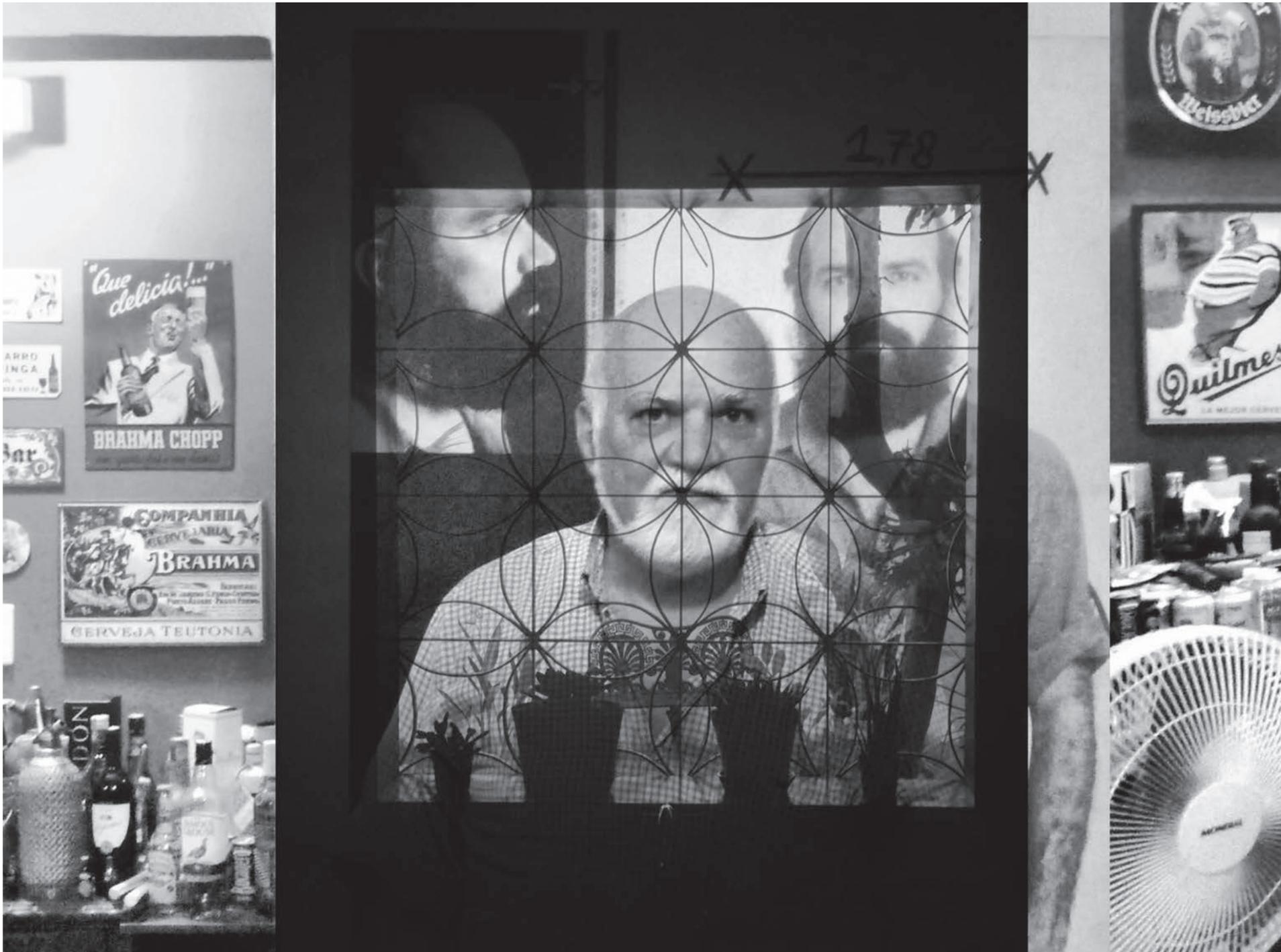
Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

FOTOS: THIAGO SOARES | DESIGN: HALLINA BELTRÃO



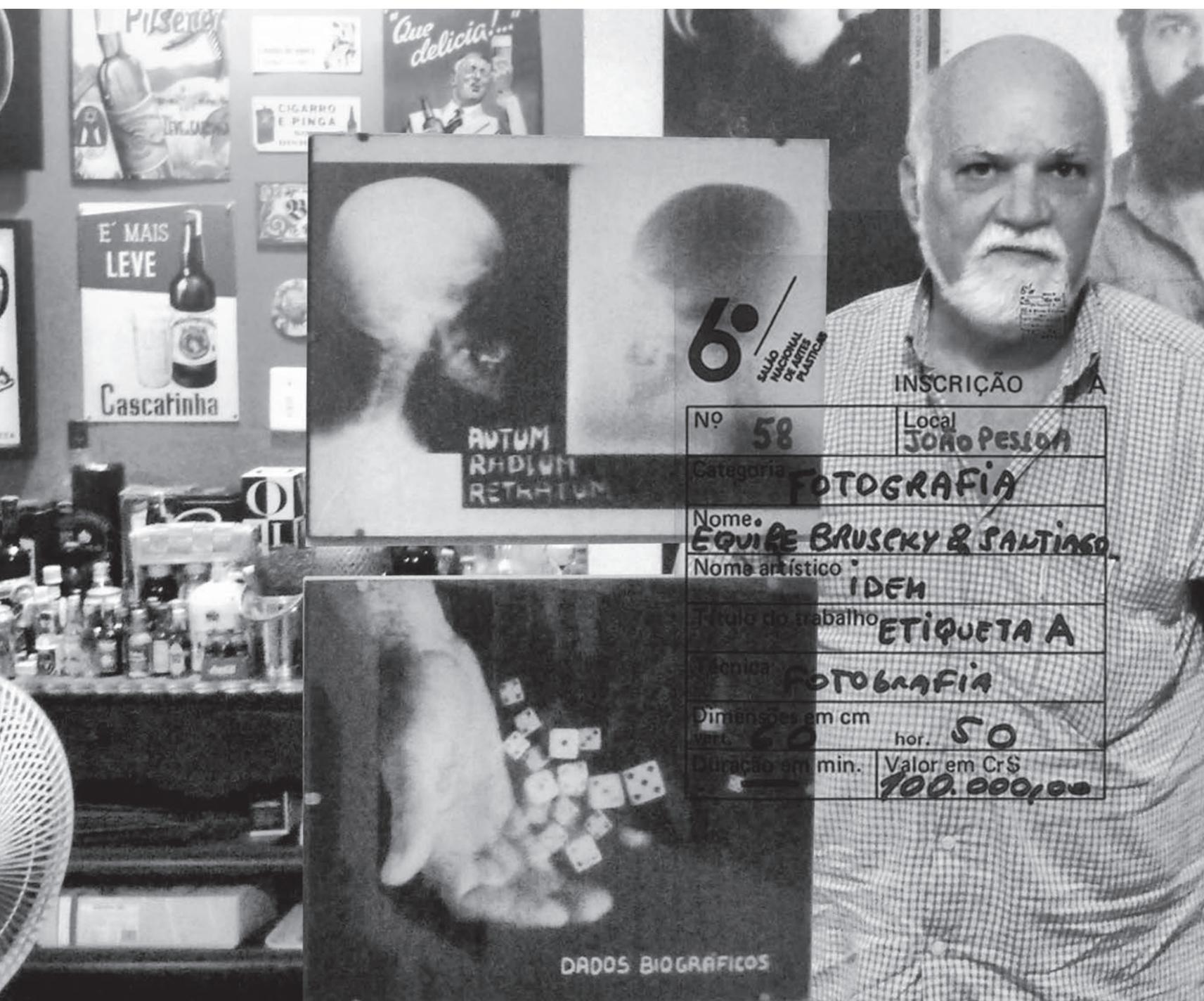
O lugar incerto que Paulo Bruscky habita

Entre aspas e novas definições, artista lança seu primeiro livro de poemas

Thiago Soares

“Tás rindo de quê?”, a voz ao longe de Paulo Bruscky me interpela, no momento em que rompi o silêncio do nosso encontro com um sorriso espontâneo. Ele, em meio a estantes repletas de livros, à procura de um exemplar de *Arquivo impresso: Poesia inédita* (2012), ouviu o tilintar do meu riso. “É essa tua obra aqui, *Quadro a óleo*. E essa lata de óleo de cozinha Lisa no meio da moldura...”, digo. “Achei!”, a voz de Paulo Bruscky ainda ao longe. Ele caminha em minha direção – estou no corredor de seu ateliê observando algumas de suas obras dispostas na parede que dá acesso aos fundos, uma espécie de cozinha e um quintal. “Os artistas na época ficaram *arretados* com essa minha brincadeira”, diz Bruscky, reconhecendo que fui capturado pelo seu jogo. A obra *Quadro a óleo* é composta por uma moldura, uma lata de óleo de cozinha da marca Lisa ao centro e o título, uma provocação formada por moldura, imagem e palavras.

É do jogo entre imagens e palavras que reside parte do lastro da poética de Paulo Bruscky, artista pernambucano, parcela de pioneirismo na arte conceitual no Brasil, interessado pelos jogos de linguagens. Acho que, no momento em que irrompi o silêncio com um sorriso diante de uma de suas obras, murmurou o saudável atrito dos sentidos. Artista, obra e espectador. Um enunciado. O motivo do nosso encontro é falar sobre *Arquivo impresso: Poesia inédita*, o primeiro livro, digamos, “livro” de Paulo Bruscky. Como tudo que cerca sua obra, não há meio de expressão que ele não tenha experienciado, recriado, questionado. Fax, carta, fotocopadora, livro. Livro sem aspas para Paulo Bruscky (em função da recorrência na sua produção) é livro de artista. Já são mais de 200. O livro que a gente está acostumado a folhear, encontrar nas bibliotecas, livrarias, estantes, tem aspas: é “livro” – objeto até então pouco presente de forma tão, digamos, denotativa



em meio a seus questionamentos. *Arquivo impresso* reúne dez poemas de Paulo Bruscky e sai pela Coleção Elixir, de Belo Horizonte (MG), dos editores Ricardo Aleixo e Flávio Vignoli. Terá lançamento em maio na Feira do Livro de Belo Horizonte e, em seguida, no Recife.

Chegando mais perto de *Arquivo impresso*, nota-se que, mais uma vez, Bruscky segue colocando aspas nas coisas. Embora seja um “livro”, reunião de poemas escritos de forma dispersa, desde a década de 1960, há algo de livro – sim, livro de artista. Não de forma tão explícita como no tijolo de vidro que é a obra *Livro de Artista*, mas pelos questionamentos que há, na própria configuração do meio: *Arquivo impresso* tem tiragem de apenas 160 exemplares. Todos assinados. O design do livro é sanfonado em papel cartão marrom e as páginas vêm presas como molduras. Para cada poema, uma tipografia diferente – todas elas criadas na Tipografia Matias, também de Belo Horizonte. O papel das páginas-telas também muda. De cor. De textura. Algumas folhas, de gramatura finíssima, nos reportam ao guardanapo de bares. Outras, mais encorpadas, são quase cartões de visitas. Daquela textura que facilita guardar na carteira. O próprio livro vem envolto num elástico branco típico das pastas de arquivos. Lembrando toda carga política que há na obra de Paulo Bruscky, não é difícil remetermos aos arquivos da ditadura, coisas do gênero. São esses signos estéticos em aberto que nos fazem isso...

Voltando às aspas. *Arquivo impresso* é entre aspas porque conjuga o “livro” com o livro. O próprio Paulo Bruscky chama seus textos de poemas. Mas “sou um artista visual que escreve”, situa. Observando seu lugar na produção artística brasileira, emergem zonas de contato: o artista produziu obras no esteio do poema/processo, na década de 1970; o concretismo legou para Bruscky o interesse pela palavra como lugar de ancoragem – ou debandada

O livro *Arquivo impresso* terá uma edição de apenas 160 exemplares, todos assinados, e traz textos de várias fases do autor

– do sentido. “Sempre tive interesse pela literatura, pela música. Li Cabral, Baudelaire, Joaquim Cardoso, todo o pessoal da Geração de 65”, elenca. “A palavra, de alguma forma, faz transbordar a visualidade”, define. Nos anos 1980, quando se debruçou mais detidamente sobre a produção de poesia – talvez se interessando também em produzir poemas de maneira mais tradicional, estes a que estamos acostumados a ler nos “livros” – Bruscky foi tentar entender de mineração. Processos de mineração. Nas minas, há os chamados processos de lavra, que consistem em perfuração, desmonte e remoção de minerais. Lavra: coloque um “pa” na frente e temos a “palavra”. E o poeta como aquele que perfura a língua, desmonta os códigos, remove os sentidos. “Sempre gostei de escrever, fiz jornalismo na Unicap, gosto de burlar, retrabalhar a palavra”, diz.

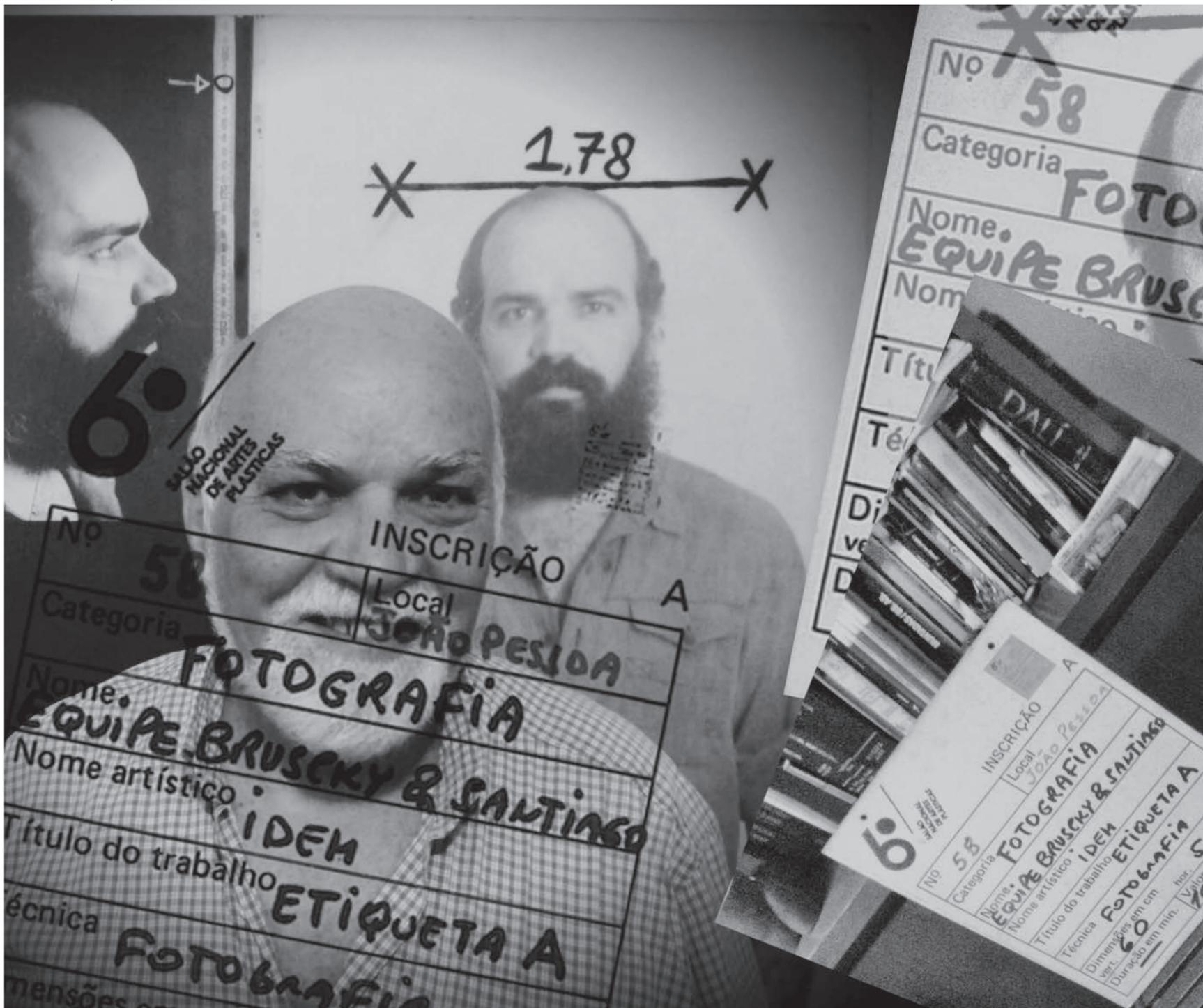
Foi dessas pesquisas sobre mineração para apreender a complexidade da palavra que Paulo Bruscky chegou a um outro código lúdico: a “palarva”. Larva, a forma animal que ainda não chegou à maturação. “Palarva”, codificação embrionária, essa que ainda ambiciona ser, quem sabe, um dia, palavra. “Escrevi essa ideia de ‘palarva’ em 1971, tentando achar uma metáfora para a própria noção de palavra. Todo mundo queria corrigir achando que estava trocado o ‘rv’ e querendo escrever ‘palavra’ e não ‘palarva’”, ri. No poema “Noturno”, de 1986, presente em *Arquivo impresso*, Bruscky desconstrói a “palarva”: “Limbo da palarva/ vereda pela larva/ larva/ só sons, ruídos, sirenes”.

Ao comentar sobre a “palarva”, ele lança algumas questões sobre o seu interesse pela escritura do poema. “Poesia é fome de ver”, define. E explica como nascem alguns de seus escritos. “Caleidoscópio”, de 1976, também em *Arquivo impresso*, teve sua gênese na observação do cotidiano. A chuva caindo, os pingos se pendurando na marquise. Aquilo que poderia resultar numa obra visual ou mesmo num poema de natureza mais concreta, virou, através de Paulo Bruscky, um texto que tem quase a simplicidade e a forma elíptica de um haicai: “Vejo os pingos da chuva/ que se penduram e caem/ como os mais perfeitos trapezistas/ No chão/ e em compassos/ fragmentos de paisagem”.

A elipse, talvez a mais oblíqua herança do “artista visual que escreve”, logo some ao nos depararmos com “AR- RECIFES DE POESIA DE PBY (O RECIFE EM PROVA E PROSA) ROTEIRO I”, mais longo poema de *Arquivo impresso*, que, na verdade, foi feito em agosto de 2008, sob encomenda da TV Cultura, que iria fazer um documentário e queria uma visão de Paulo Bruscky sobre o Recife. O texto já tem início com um tom provocador: “O Recife da poesia sonora dos sapos franceses: ui, ui, ui, ui...”. E traz, numa lembrança de

CAPA

FOTOS: THIAGO SOARES | DESIGN: HALLINA BELTRÃO



“Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, a passagem: “O Recife do buraco de Otília, com de tudo um pouco e outros bares e lupanares:/ Venda do Seu João, Leitaria, Gregório, Tita, Bragantino, Espanhol./ Samburá, Tepan, Don Pedro, Talude, Saci, Gambrinus, Mangueirão,/ Chantecler, entre outros Eus”. Os “eus” de Bruscky dispersos nos bares da cidade. “O bar é um lugar de criação para mim. Muitas vezes, pego meu caderno de ideias, vou para uma mesa dos fundos de um bar e anoto muitas coisas”, explica.

Inevitavelmente, a questão da palavra ou da “palavra” volta à tona na nossa conversa. Como se autodenomina “um artista visual que escreve”, pergunto se a página, para ele, é o equivalente a uma tela. Ele me responde lembrando que, mesmo para “escritores-escritores”, como João Cabral de Melo Neto, a página nunca foi somente uma página. Também era uma espécie de tela. “João Cabral conhecia muito de artes gráficas, de design. Joaquim Cardozo também”, enumera. “Pernambuco sempre foi vanguarda nas artes gráficas, na forma de apresentação das obras”, lembra. Percebo que o interesse de Paulo Bruscky é mesmo pelas interfaces, pelos deslocamentos. Daí a sua poética de reconfigurar os meios. Ao mesmo tempo, não se furta a me dizer que também gosta da página dos textos em prosa. Aquela repleta de palavras, cheia, ocupada, sem muitos brancos. Os “brancos” da página de um romance, me parece dizer, estão nas entrelinhas de uma história bem escrita. “Gosto muito da literatura russa”, define.

Literatura russa, lembro de alguns romances longos, muitas palavras, Dostoiévski de páginas abarrotadas de letras. E, talvez, sabendo do gosto de Bruscky pelos deslocamentos, questiono sobre um oposto: sim, vivemos numa época em que tudo é digitado, muitos teclados, telas de *touch screen*,

“McLuhan estava tratando da vida em rede, da produção à distância e isso já fazíamos desde os anos 1980”, diz

estamos perdendo o sentido do manuscrito? “Eu ainda anoto muito. Tenho cadernos de ideias”, diz. “Olha aí, uso ainda bilhetes para me lembrar das coisas” e aponta para um pequeno papel disposto em cima da mesa de uma espécie de cozinha onde estamos conversando, que tem indicativos do que fazer no dia. Não à toa, olho para uma geladeira ao lado e vejo um ímã disposto na porta branca com os dizeres “Gentileza gera gentileza”, aquele mesmo do poeta-andarilho Gentileza, que escrevia nos muros dos viadutos do Rio de Janeiro. “Em 1978, no *Jornal da Cidade*, eu fiz uma página inteira de jornal manuscrita. Era uma turma boa que editava, Ivan Mauricio, Nagib Jorge Neto, eles deixaram. Eu tinha um espaço sobre cultura, de conteúdo informativo, mas também falava de filosofia, colocava uns contos”, lembra. A permissividade de

publicar uma página manuscrita num jornal era mais uma das subversões dos meios que Bruscky constituía como uma construção de seu discurso. Ali residia, possivelmente, também o amálgama da sua arte postal.

Um assunto passa a ser recorrente na nossa conversa: o meio. De comunicação, de expressão, o veículo, o suporte. Aquilo que leva. Ou traz. O entre, esse lugar pouco confortável – porque é de deslocamento –, mas que alguns, como Bruscky, Homi K. Bhabha, Marc Augé, Pierre Verger, Marshall McLuhan, entre tantos outros arriscaram ficar. E pensar sobre. Chegamos a McLuhan, talvez, o “pai” dos estudos sobre meios de comunicação. Bruscky não gostaria muito desse lugar estático em que eu pareço colocar McLuhan – o autor de máximas como “os meios de comunicação são extensões do homem”, “os meios são as mensagens” e de palavras-logomarcas como “aldeia global”. “Muito do que McLuhan tratou, eu li em *História das Invenções*”, de Hendrik Van Loon, até de forma mais aprofundada”, pontua. McLuhan, ao tratar da ideia de “aldeia global”, estaria falando sobre uma espécie de supressão simbólica da noção de espaço. O mundo é uma aldeia. Aviões nos levam em uma hora a destinos distantes. A transmissão via satélite traz a imagem ao vivo de um jogo de futebol na Espanha para a minha TV no Recife, Brasil. Acesso a internet e converso com alguém na Austrália. O tempo comprime. O espaço nos invade. Ecoamos aquela ideia de Foucault de que habitamos um tempo. “McLuhan estava tratando da vida em rede, da produção a distância e isso já fazíamos desde os anos 1980, com a arte a distância”, aponta Bruscky.

De fato, o tempo real sempre apareceu como matéria-prima na obra de Paulo Bruscky, sobretudo porque ao produzir arte através do fax, tinha-se o processo de desmaterialização na origem e



rematerialização no destino. Partida e chegada. E, logicamente, o meio. No bojo deste aparecer e desaparecer, estava o tempo real. É possivelmente deste debate mais conceitual sobre a arte em tempos de internet que Bruscky sente falta. “Não estão sabendo explorar a internet, vejo exposições que são ‘showrooms’ de artistas que dominam o meio”, critica. E com sua voz calma, mas não menos política, ele atesta: “a função da arte é subverter o meio, falta ousadia. A ansiedade da velocidade de reconhecimento assassina muitos artistas”.

Bruscky continua a fazer sua produção a distância. Para a *Bienal de Arte da Polônia*, que acontece em outubro, em Poznan, vai enviar todo seu material pela internet. O homem da arte postal não se refuta a se adequar ao momento em que trocamos a carta pelo e-mail. “Dá para fazer e-mail arte também”, assegura. E como quem não quer colocar um porto muito seguro para nada – nem mesmo para suas assertivas – atesta: “apesar de tudo isso, ainda ando com caneta e papel, rabiscando, anotando”. E assim como leu sobre mineração para descobrir sobre a palavra, Bruscky investigou também a datiloscopia, o processo de identificação humana por meio das impressões digitais. “Conheci um perito em datiloscopia”, lembra. Suponho que Paulo Bruscky esteja me dizendo que o manuscrito é uma das formas mais poéticas de identificação do ser humano. E que, embora estejamos imersos num mundo de teclados, é ainda sob a égide do toque – extensão do dedo e da mão – que vivemos.

Lembro aquele texto de Mikhail Bakhtin que ele nos fala: é nas mãos que reside a nossa humanidade. Com elas, que gesticulamos, apontamos, pintamos, escrevemos, levamos alimento à boca, tocamos com delicadeza. A mão nos humaniza. E é a mão que toca o teclado que também escreve.

Bruscky mora numa casa próxima ao Mercado da Boa Vista, que ele gosta de chamar de Nova Olinda, pelo seu ar bucólico

“Sinto que as pessoas têm dificuldade de leitura, o signo não é para ser algo erudito”, atesta. E questiono, lembrando o filósofo tcheco Vilém Flusser no seu livro *A escrita*, a máxima presente na obra: ainda há futuro para a escrita?

Não sei se por um lapso do manuscrito ou mesmo da minha memória, não achei nas minhas anotações a resposta de Bruscky sobre o futuro da escrita. Procurei no meu bloco de notas e nada, nenhum registro. Possivelmente fui traído pela minha ideia um tanto quanto ultrapassada de fazer uma entrevista longa com o artista sem recorrer ao gravador de áudio. Talvez, imbuído pelo espírito subversor de Bruscky, quis questionar a precisão do registro jornalístico. Todo esse texto foi escrito a partir de anotações do que o artista falou. Ele falou muito, mais rápido que a minha escrita manual poderia

captar. Fui anotando tópicos, flashes, suas falas. Muito ficou no dito que a escrita não pôde captar. Ficou nesta zona deslizando que Bruscky tanto habita: o entre. A fala do artista, o intervalo, a minha escrita. Numa era da profusão de formas digitais de registro da entrevista, adotei a manual. Para tratarmos de contradições, acho que Bruscky me falou sobre como ele não usa redes sociais numa era de imersão da internet. Eu usando caneta e papel numa era digital, ele negando as conectividades. Talvez tenha a ver. Acho que foi isso.

Já no corredor de saída de seu ateliê, observo um cartaz disposto junto à porta: “vacina contra o tédio”. E chego a pensar se estar em deslocamento, à deriva, questionando os meios, os suportes não seria a própria tentativa de negação do tédio. Algo me diz que Paulo Bruscky é, ele mesmo, um tipo de antídoto. Veneno antimonotonia, diria o cantor. Mas aí, sem que eu verbalize essa coisa de “ser contra o tédio”, Bruscky me diz que comprou aquela casa em que está seu ateliê, no bairro da Boa Vista, “que eu chamo de Nova Olinda”, porque tem um clima meio rural, com casas de porta e janela, parecendo a Olinda da Cidade Alta, pessoas com cadeiras nas calçadas, ruas de paralelepípedo. É aquela região nos arredores do Mercado da Boa Vista, perto do Pátio de Santa Cruz. Recanto de silêncio perto do *rush* do centro da cidade. “Olha o silêncio daqui”, me diz Bruscky, “nem parece que estamos na Boa Vista”. E mesmo sendo, ele mesmo, um antídoto ao tédio, Paulo Bruscky também não parece negar este tédio que há no silêncio. E que, de alguma forma, é uma subversão daquilo que passamos a manhã inteira a discutir sobre: a palavra.

Conheça o livro de poemas de Paulo Bruscky no www.suplementopernambuco.com.br

ENSAIO

Não foi só no princípio, ainda hoje é o verbo

Para Santo Agostinho a palavra carrega uma força maior que todas as músicas

Anco Márcio Tenório Vieira

Um dos capítulos mais instigantes das *Confissões*, de santo Agostinho (354-430), é, para mim, o que se intitula *O encontro de Deus*, particularmente os tópicos que falam sobre a “tríplice tentação”: das concupiscências da carne e dos olhos (o desejo libidinoso e os “movimentos lascivos” que o atormentavam durante o sono), e da “ambição do mundo” (as tentações do “louvor”, da “vanglória” e do “amor-próprio”). Neste capítulo, o teólogo expõe as suas “feridas” e pede a Deus que tenha compaixão pelas enfermidades da sua alma; afinal, “não é a vida humana sobre a terra uma tentação contínua?”.

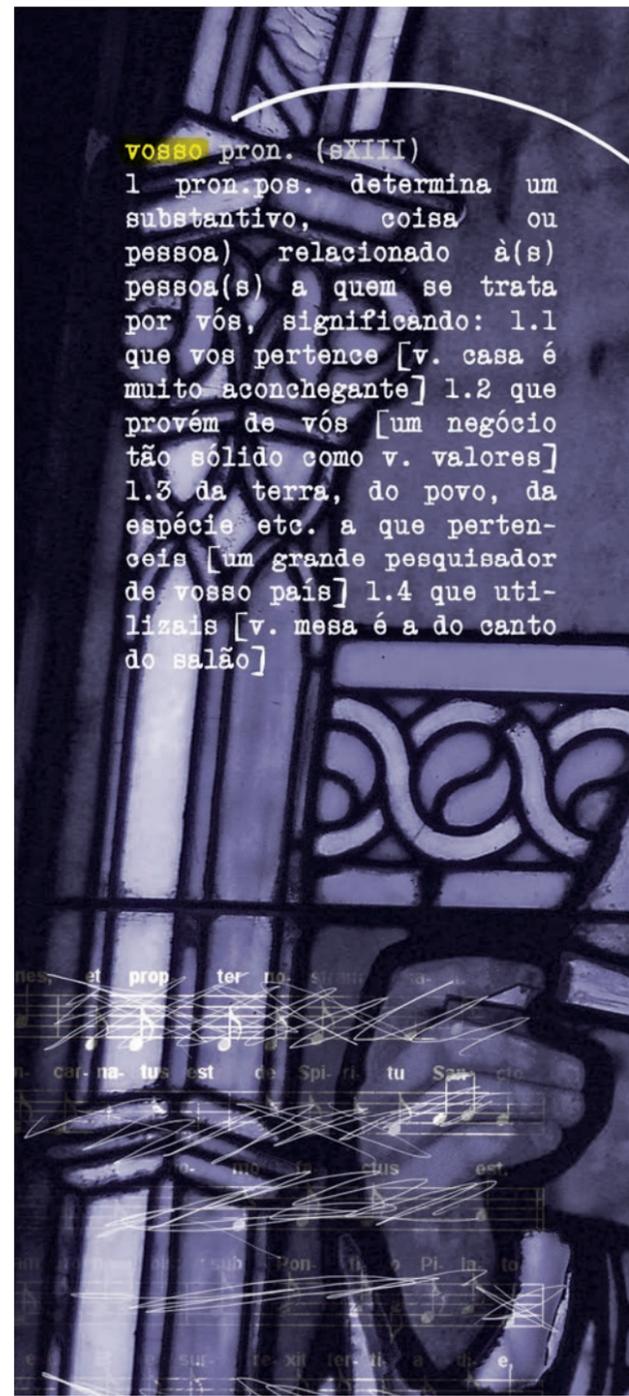
Mas além dessa “tríplice tentação”, Agostinho declina sobre aquelas tentações que envolvem os sentidos: a “gula”, a “sedução do perfume”, a “sedução dos olhos” e o “prazer do ouvido”. Porém, é nestes dois últimos tópicos que Agostinho se volta para os gêneros artísticos. Aqui, o Bispo de Hipona reafirma o que já dissera em outros textos: o alimento da arte é a mentira. Neoplatônico, Agostinho cultivava uma séria desconfiança em relação à arte e àqueles que a produziam; em particular, os poetas, que não se furtavam, com as suas *allegoria in verbis* (também conhecida como a alegoria dos poetas), em faltar com a “verdade” e propagar falsidades. Em *A cidade de Deus*, Agostinho denomina os poetas de criadores de “fábulas mentirosas”, “falsas”, “torpes” e “indignas”. Ainda nesta obra ele se volta contra os poetas, os dramaturgos e os atores. Discorrendo sobre os dois conceitos de teologia correntes em seu tempo – o dos filósofos gregos e o dos teólogos da Igreja –, ele evoca Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.). Este classificava a teologia em três gêneros: o mítico (“fabuloso”), cultivado pelos poetas; o físico (“natural”), exercido pelos filósofos; e o civil (“político”), matéria dos sacerdotes e moradores das urbes. Para Agostinho, as teologias mítica e civil comungavam dos mesmos princípios. Ambas se voltavam para os deuses pagãos e, como tais, não podiam oferecer ao cristão “a vida eterna”, a vida “em que a felicidade não tem fim”. Afirma ainda que a teologia mítica “semeia as torpezas dos deuses com ficções, (a civil) colhe-as com aplauso. Aquela espalha mentiras, esta recolhe-as.” Em *A doutrina cristã*, Agostinho assinala que, “certamente, há no homem mentiroso a intenção deliberada de dizer falsidades”. Logo, “todo mentiroso atenta contra a fé, porque quer obtê-la daquele a quem engana – no momento mesmo em que está a violá-la. Todo violador da fé é injusto”.

Se a teologia física é própria ao mundo (criação de Deus), a mítica e a civil são próprias ao teatro e às cidades (invenções humanas). “A teologia fabulosa, teatral, cênica, pejada de indignidades e torpezas, reduz-se à teologia civil. E esta, que se julga, e com razão, merecedora de censura e desprezo, é parte da outra, considerada merecedora de culto e prática”, afirma. Em suma, a teologia mítica é uma “imundícia da teologia fabulosa”. Com ela, os poetas, teólogos e os sacerdotes pagãos que a acatam.

Assim, quando trata da “sedução dos olhos” nas suas *Confissões*, Agostinho acusa os artistas de criarem obras que seduzem exteriormente a vista dos homens em detrimento da sua interioridade. No caso, “Aquele que os criou e destroem o que por meio d’Ele fizeram”. Em tom de profunda reprovação, ele afirma que “os artistas e amadores destas belezas externas tiram desta suma Beleza apenas o critério para as apreciarem. Só não aprendem a regra para as usar bem! Contudo, esta também lá está. Porém, não a veem, porque do contrário não iriam tão longe, mas reservariam para Vós toda a sua força, e não a dissipariam em fatigantes delícias”. Em resumo, a arte pagã é uma fôrma sem alma, pois a verdadeira arte é aquela que se reconhece como criação de Deus, que não busca como único propósito a sedução dos olhos, mas se deixa possuir “por aquele Deus que criou estas coisas tão belas”. No caso, “a beleza e a variedade das formas, o brilho e a amenidade das cores”.

É perseguindo este raciocínio (a defesa de uma arte que oblitere o seu caráter de diversão e que encerre a palavra divina como o seu único alimento) que Agostinho aborda “o prazer do ouvido”; particularmente, a música, gênero que “com mais tenacidade” o prende e o subjuga, apesar de Deus o ter libertado desta tentação. Mas como “a vida humana sobre a terra (é) uma tentação contínua”,

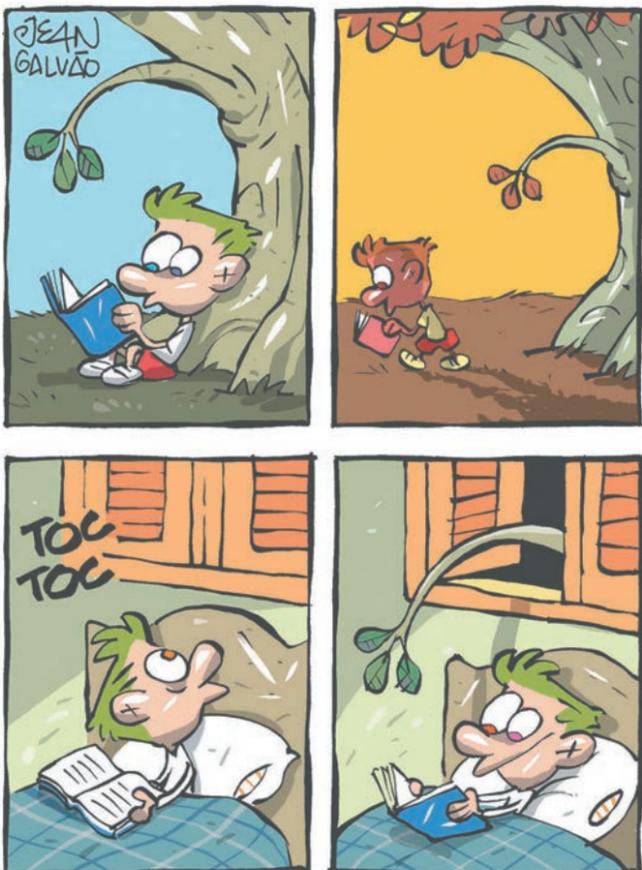
JANIO SANTOS

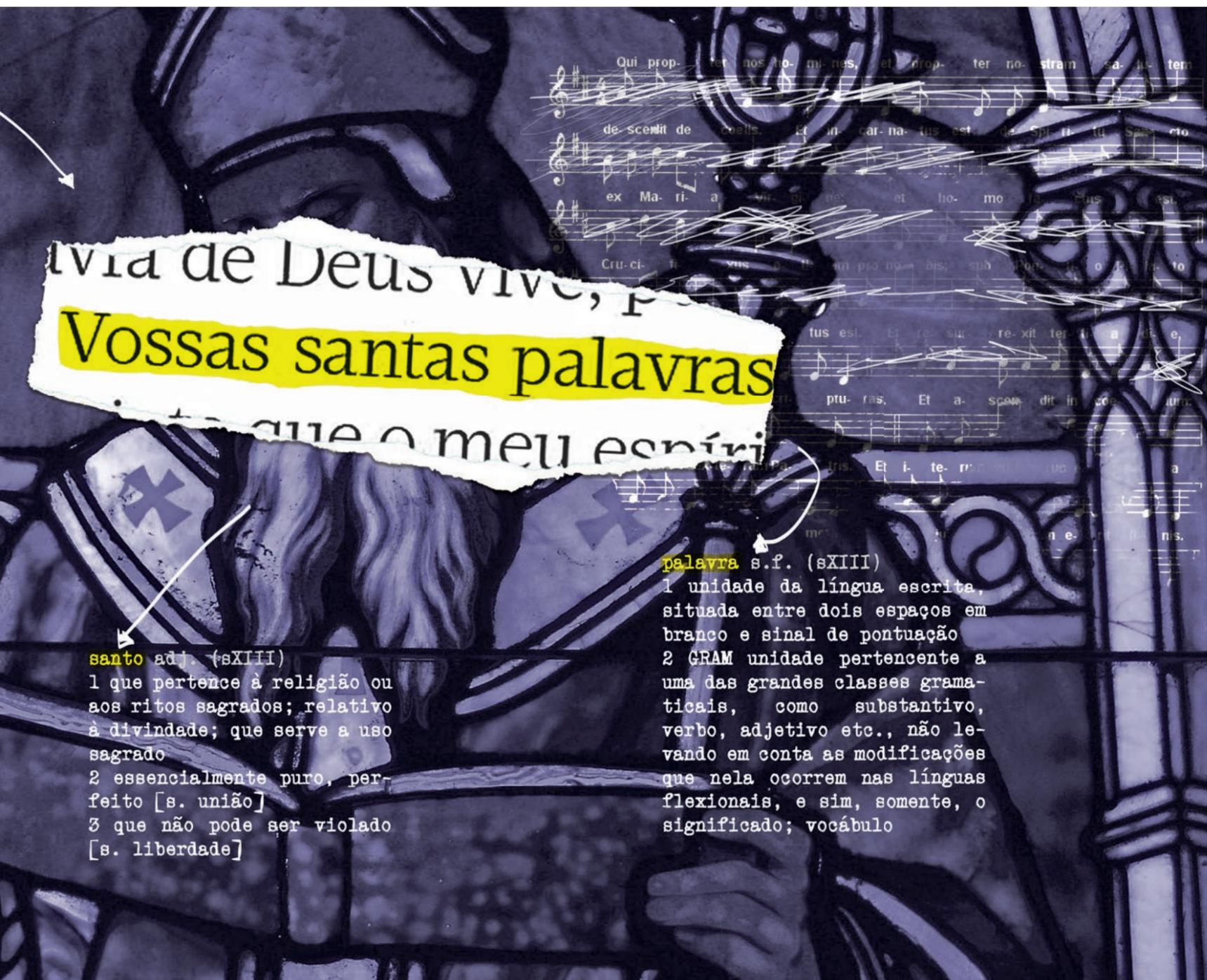


confessa que continua a encontrar “algum descanso nos cânticos que as Vossas palavras vivificam, quando são entoadas com suavidade e arte”. Mesmo não se sentindo preso à música, quando a escuta sente dificuldades em abandoná-la. Assim, o único meio que encontrou de preservar a sua interioridade espiritual foi se voltando para as composições em que a palavra de Deus vive, pois “Quando ouço cantar essas Vossas santas palavras com mais piedade e ardor, sinto que o meu espírito também vibra com devoção mais religiosa e ardente do que se fossem cantadas de outro modo”.

Mas, mesmo fazendo concessão aos cânticos, Agostinho defende que entre a melodia e os versos de louvor, os compositores devem dar ênfase aos versos. Assim, tomando o exemplo de Santo Atanásio, defende que o leitor dos *Salmos* deve recitá-los com tão diminuta inflexão de voz que mais pareça um leitor do que um cantor. Ou seja, a melodia deve se submeter às palavras, como se fosse uma espécie de mantra, elevando o espírito em direção a Deus, pois quando a palavra rivaliza com a música o espírito se perde no prazer da melodia e não frui o Verbo de Deus. Porém, sem querer “proferir uma sentença irrevogável”, ele afirma que se vê inclinado “a aprovar o costume de cantar na igreja, para que, pelos deleites do ouvido, o espírito, demasiado fraco, se eleve até aos afetos de piedade”. Mas quando a música termina por lhe sensibilizar mais do que as letras que se cantam, admite, com dor, que caiu em pecado. “Neste caso preferiria não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro”, confessa.

Estas torturantes reflexões poderiam ser mais uma entre tantas outras de um cristão dos séculos 4 e 5 (vivendo entre dois mundos: o pagão e o cristão) se elas não tivessem como autor Santo Agostinho, um dos mais influentes teólogos da





Igreja. Afinal, escrevera quase 100 livros, cerca de 300 cartas e dos oito mil sermões que proferiu, mais de 400 chegaram até nós. Pode-se mesmo dizer que o cristianismo só abandonou a sua condição de seita judaica depois que ele lhe calçou com um sistema teológico e filosófico que tinha como princípio o método tipológico entre o *Velho* e o *Novo Testamento*; método onde um *Testamento* prefigura o outro, sendo o *Velho* a “figura” da qual o *Novo* é o “espírito”. A importância da sua obra sobre a Igreja só seria ameaçada no século 13 com Tomás de Aquino, que tentará harmonizar, não raras vezes de maneira infeliz, o pensamento platônico e o aristotélico. Desse modo, sendo o mais importante pensador do cristianismo ao longo de sete séculos, a defesa de Agostinho de que, na música, a oração deve sobressair mais do que a melodia contribuiu, certamente, para que um século depois da sua morte, em 430, o papa Gregório Magno oficializasse determinados cantos da tradição judaica como o gênero musical a ser adotado e cantado nas celebrações da Igreja. Estes cantos, denominados de cantos gregorianos, se caracterizam por ser uma música de uma só melodia (monódica), de conceito modal, de ritmo livre e não medido. Baseado na acentuação e nas divisões do fraseado, o canto gregoriano tem um vocal monofônico que pode ou não ser acompanhado pela repetição de uma voz principal com o *organum* (a chamada segunda voz), que segue o cantochão ou canto plano. Sendo assim, esta segunda voz, também chamada de voz acompanhante, harmoniza a melodia tanto no seu início quanto no seu término. Ao longo do seu desenvolvimento, as notas vão pouco a pouco se separando até atingirem intervalos de quarta, quinta e oitava paralelas. A partir daí, o canto segue lado a lado na mesma direção até as vozes se aproximarem no final do cantochão e chegarem ao término da música juntas.

E não sendo um signo propriamente dito, a música não seria uma linguagem, mas um fenômeno aquém da linguagem?

Das sete disciplinas que, na Idade Média, compunham as artes liberais a música ocupava, na hierarquia, o quinto lugar. Observe-se que a arte era, na Idade Média, uma forma de conhecimento que se aprendia por meios de regras. Assim, arte não era um conceito restrito à “obra artística”, como a entendemos hoje, mas também uma habilidade ou conhecimento técnico adquiridos pelo estudo ou pela prática. A música, no caso, como uma arte reduzida a regras, era constituída pelas artes do canto e da poética. Porém, resta uma pergunta: por que só a música integrava as artes liberais? Tenho duas hipóteses. Primeira: a música, por sua estrutura precisa, era, e é, frequentemente comparada com a matemática (matéria da aritmética, da geometria e da astronomia). Segunda: a música é o único gênero artístico que prescinde de um referente. Ou seja, a música refere-se a si própria. Como estudioso dos signos, Agostinho buscava conhecer as coisas (*de*

rebus) e os sinais (*de signis*); ou seja, para ele só se conhece as coisas por meio dos sinais. No entanto, em *De Magistro* ele defende que apesar da palavra (Verbo) ser um sinal que significa coisas, há coisas que nada significam e coisas que significam outros sinais. Ele também defende em *A doutrina cristã* que existem determinados signos, a exemplo das palavras, que são criados e empregados unicamente para significar algo. Sendo assim, tanto em um caso (coisas que são signos) como no outro (signos que existem para significar algo, denotar), o termo signo é empregado “(...) para significar alguma coisa além de si mesmo”. Ora, a música, em um caminho inverso a esta tese, não significa nada além de si mesma, pois ela é um significante (som, nota musical) sem significado. Logo, ela não seria um signo? E não sendo um signo, a música não seria uma linguagem, mas um fenômeno além ou aquém da linguagem? Como lhe dar um significado? A resposta dada por Agostinho passava por dar ao significante um significado e, por extensão, transformá-lo em signo. No caso, submetendo a música à palavra (o Verbo). Assim, a música deixaria de seduzir pelos seus aspectos externos (melodia, ritmo e harmonia) e sedimentaria a sua alma na palavra que louva a Deus. Ao submeter o canto aos salmos e versículos, a música excluiria da sua alma (o referente) as “fábulas mentirosas”, “falsas”, “torpes” e “indignas”.

Se durante séculos a tese agostiniana foi vitoriosa, a polifonia, que começou a ser praticada por volta do século 10, terminou por submeter cada vez mais a palavra à melodia e, por extensão, foi minando o canto gregoriano como a forma cristã por excelência. No entanto, a ideia de que, em uma composição, a palavra é mais importante do que a música tem reflexos até os dias que correm. Afinal, *mutatis mutandis*, o rapper não é uma música que calça o seu referente em palavras em detrimento da própria melodia em si?

RESENHA

Um século de mineiros “bem praticantes”

Humberto Werneck pensa literatura brasileira a partir de Minas Gerais

Rafael Rodrigues

Nascido e criado em Belo Horizonte, o jornalista e escritor Humberto Werneck é o que ele mesmo chama de “mineiro não praticante”, afinal, não mora em Minas Gerais há mais de 40 anos. Desde a década de 1970, adotou São Paulo como seu lar, depois de perceber que as oportunidades de trabalho em sua cidade não eram as melhores.

Na capital paulista ele se estabeleceu como um dos mais talentosos jornalistas de sua geração, tendo trabalhado em algumas das maiores redações do país, como *IstoÉ*, *Veja* e *Playboy*, além de ter publicado livros elogiadíssimos como *O desatino da rapaziada*, *O santo sujo – A vida de Jayme Ovalle*, *O espalhador de passarinhos*, *O Pai dos burros*, *Esse inferno vai acabar*, entre outros. Esses mais de quarenta anos morando em outro estado não impediram que o autor mantivesse algumas “características mineiras”, como um senso de humor particular, adquirido não apenas durante os anos em que viveu em Belo Horizonte, também ao longo das décadas de convivência com alguns dos maiores escritores mineiros do século passado, como Murilo Rubião, Otto Lara Resende e Fernando Sabino.

Observador e narrador como poucos, Humberto Werneck se valeu de pesquisas e de suas próprias experiências para escrever *O desatino da rapaziada*, um delicioso passeio pela história literária de Minas Gerais entre as décadas de 1920 e 1970. Publicado originalmente em 1992 pela editora Companhia das Letras, no próximo mês o livro ganhará uma providencial e oportuna edição comemorando os 20 anos de seu lançamento. Providencial e oportuna porque ela vem muito bem a calhar num ano em que começaram a ser reeditadas, também pela Companhia das Letras, as obras de dois dos maiores escritores mineiros: Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade.

Ao longo de 2012 ganharão novas edições, pela mesma editora, as obras dos também mineiros Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino. Isso sem contar com o prosseguimento da reedição dos livros de Otto Lara Resende, iniciada no fim de 2011 com a publicação de *O Rio é tão longe – Cartas a Fernando Sabino* e da edição revista e ampliada de *Bom dia para nascer*, projeto coordenado, a propósito, pelo próprio Humberto Werneck.

“A história que aqui se vai contar”, diz Werneck no início de *O desatino da rapaziada*, “começa no ano de 1921, no instante em que a mais famosa de suas personagens, um adolescente magrinho, de óculos, entra numa redação de jornal, na rua da Bahia, em Belo Horizonte. E termina, meio século depois, com alguns rapazes abandonando outra redação, não longe dali, na avenida Augusto de Lima”. “Entre esses dois momentos”, prossegue o autor, “o fio de nossa história vai e volta, serpenteia, percorre outros pontos do mapa de Minas Gerais – embora quase toda ela se passe no centro de Belo Horizonte”.

O “adolescente magrinho” a quem Humberto Werneck se refere não é outro se não Carlos Drummond de Andrade, que naquela época contava 18 anos e fora entregar, na redação do *Diário de Minas*, sua primeira colaboração para o jornal.

Drummond foi até o *Diário de Minas* porque recebia muito pouco do jornal que publicava seus textos até então, e no qual havia estreado na “grande imprensa” mineira, o *Jornal de Minas*. Originalmente oposicionista – ao ser criado, no início do ano de 1899 –, o *Diário* seria, em novembro do mesmo ano, vendido ao PRM (Partido Republicano Mineiro), “do qual passou a ser órgão oficial”. “Como o PRM se eternizava no poder, o jornal se tornou, também, um órgão oficioso do Palácio da Liberdade – que, discretamente, lhe estendia algum dinheiro”.

É a partir deste pequeno acontecimento que o jornalista traça não apenas um panorama dos destinos de várias gerações de literatos mineiros, mas de inúmeros jornais e revistas que surgiram – e, no caso da grande maioria, acabaram – no estado entre os anos 1920 e 1970.

O trecho a seguir dá uma ideia da efemeridade dessas empreitadas: “Em seus primeiros 25 anos de vida, a cidade (o autor se refere a Belo Horizonte, fundada em 1897) viu brotarem nada menos de 160 publicações, sem contar aquelas, numerosas, que nasceram e se extinguíram sem deixar traço nos arquivos e bibliotecas. Em 1930, passava de duzentos o número de jornais surgidos desde a inauguração



da capital, 33 anos antes”. Se forem contabilizadas as revistas e jornais criados em outras cidades do estado, os números são ainda maiores.

Uma das publicações mais importantes desse período foi criada em 1927 e teve apenas seis números. Chamava-se *Verde*, tinha um viés modernista e, entre seus editores, estava o jovem Rosário Fusco, então com 17 anos, mineiro de Cataquases. Um dos casos que Werneck conta sobre Fusco, a quem define como “audacioso e petulante, além de muito talentoso”, é o do bilhete que ele enviara a ninguém menos que Mário de Andrade, pedindo que este enviasse “uma bosta qualquer” para ser publicada na revista.

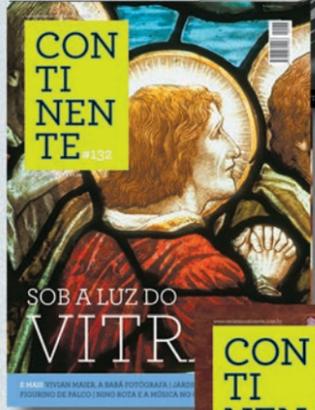
Outro fato marcante sobre *Verde* é que ela conseguiu não apenas ter sua relevância reconhecida fora dos limites de Cataguases, mas contou com a colaboração de autores de diversos lugares do Brasil, como o já citado Mário de Andrade – em poema redigido a quatro mãos com Oswald de Andrade –, Sérgio Milliet, Marques Rebelo, Murilo Mendes e até mesmo Carlos Drummond de Andrade.

Mas talvez a publicação mais importante criada entre 1920 e 1970 em Minas Gerais seja o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, fundado em 1966 e idealizado por Murilo Rubião, mestre do fantástico brasileiro. Inicialmente semanal, o *Suplemento* continua de pé ainda nos dias de hoje, porém em edições mensais. Por lá passaram, seja em suas páginas ou em sua redação, nomes como Ildeu Brandão, Duílio Gomes e Wander Piroli, autores mineiros de grande talento que não têm o devido reconhecimento, e o próprio Humberto Werneck.

Apesar de ter sua relevância diminuída durante alguns anos, como destaca Werneck em um dos capítulos do livro, o *Suplemento* é certamente uma das maiores referências literárias do país. Além de ter revelado diversos talentos – e não apenas mineiros, diga-se –, o *Suplemento* não se limita a



HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

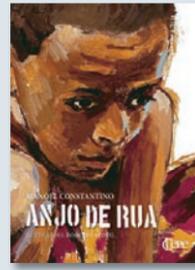
e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O CONTO DO GAROTO QUE NÃO É ESPECIAL
Lucas Mariz

Primeiro colocado da categoria Infantil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010. Conta a história de um menino comum, igual a de outros de sua idade, mostrando que ninguém precisa de superpoderes para ser feliz. Ilustrações de Igor Colares.

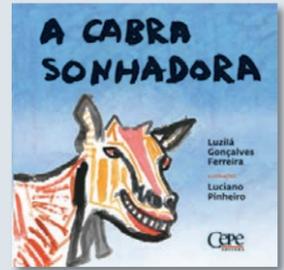
R\$ 15,00



ANJO DE RUA
Manoel Constantino

Primeiro colocado da categoria Juvenil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil. Inspirado na história real de um menino que viveu nas ruas do Recife, mostra como uma amizade pode perdurar, mesmo na adversidade. Ilustrações de Roberto Ploeg.

R\$ 20,00



A CABRA SONHADORA
Luzilá Gonçalves Ferreira

A cabrinha Cordulina, que sonha com o amor de um lindo bode chamado Matias, vive uma série de aventuras, que incluem voar e tomar banho de cachoeira, até que seu sonho se torna realidade. Ilustrações do artista plástico Luciano Pinheiro.

R\$ 15,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Cláudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

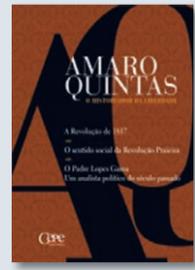
R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Cláudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

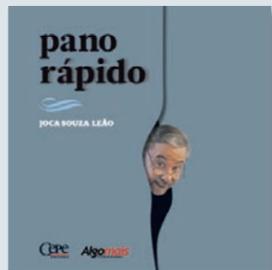
R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



PANO RÁPIDO
Joca Souza Leão

A obra é uma compilação de breves e bem-humoradas histórias de escritores, jornalistas, artistas, poetas, políticos, populares e boêmios pernambucanos, anteriormente publicadas na coluna do autor na revista *Algomais*.

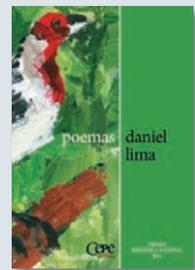
R\$ 40,00



TAPACURÁ
Homero Fonseca

Segunda edição da obra *Viagem ao planeta dos boatos*. O leitor acompanha o rumor de que a barragem de Tapacurá havia estourado a partir de relatos, incluindo, no caso mais recente, a repercussão do mesmo em redes sociais.

R\$ 15,00



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

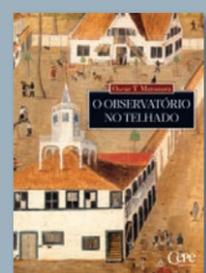
R\$ 45,00



TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA
Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R\$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO
Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R\$ 25,00

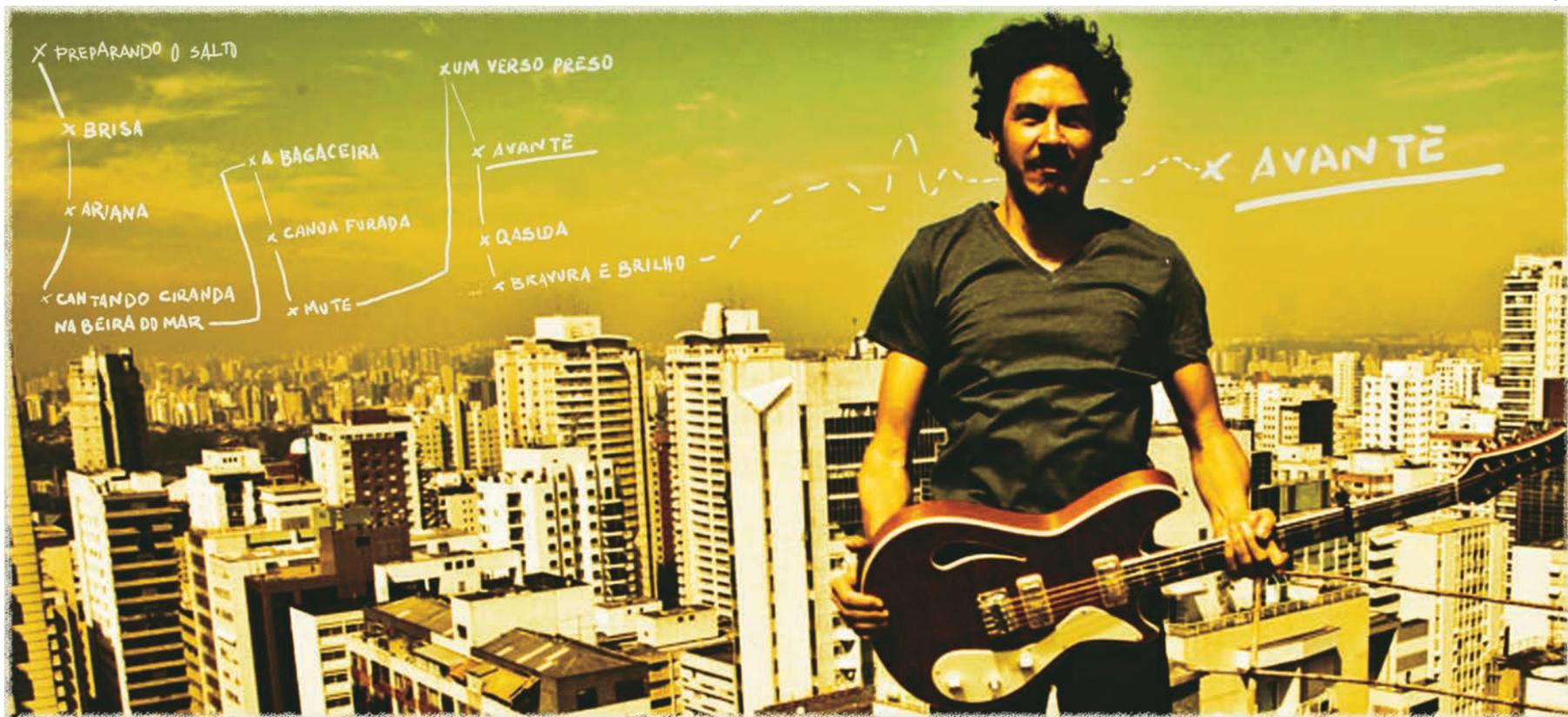
Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

CRÔNICA

Siba

KARINA FREITAS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Para seguir avante

Adiei tanto começar um diário do meu álbum *Avante* que ele nunca foi feito...

Dito isso, algum ponto de partida?

Eu, que repetidamente aponte a poesia como ponto de partida e linha de chegada, matéria-prima e força motriz de meu processo criativo, sinto grandes dificuldades em me referir às letras de *Avante* sem levar em consideração a música que lhe serve de veículo, além da relação entre o som, o texto e os motivos pessoais que de alguma forma motivaram e justificam a conexão das partes em um.

Está tudo tão ligado: os fatos da vida íntima e profissional me levaram aos questionamentos e me forçaram à busca de respostas, que me foram dadas em muitos momentos mais pela música do que pelas palavras e seu jogo. Foi a desconstrução da autoimagem que me forcei a executar ao preço de um longo bloqueio criativo que só se desfez lentamente em palavras quando a música já parecia me mostrar minimamente que caminho seguir... O caminho da construção de cada “canção” acumula relações múltiplas, embora eu admita ao mesmo tempo não ter tanta clareza sobre o processo que me possibilite oferecer um mergulho mais cristalino nisso tudo.

Nas letras, *Avante* é como um disco de cantor de viola, cirandeiro, mestre de maracatu de baque solto, onde tudo o que é cantado está sujeito a um conjunto de regras que determinam de que forma se tecem os versos, de que modo são abordados rima, métrica e sentido (que os cantadores chamam de “oração”). Esse conjunto de regras caracteriza uma estética poética particular, extremamente desenvolvida no Nordeste brasileiro, à qual me sinto filiado a ponto de me considerar não apenas um “compositor”, como se definiria um autor de música popular, mas também um “poeta”, como qualquer artista que se exercite num dos estilos de poesia oral citados no começo desse parágrafo. Em *Avante*, os poemas que não têm algum formato já usado tradicionalmente (sextilha, décima, martelo, beira-mar) constituem exercícios de distensão, colagem ou expansão destes modelos,

experimentos feitos dentro desses limites estéticos delimitados.

Também vem do universo da cantoria uma referência fundamental para o lado musical do projeto. Tomando como ponto de partida estilístico as “canções” dos cantadores (subgênero dentro da cantoria de viola, não confundir com o sentido comum que se dá a esse termo na música popular), fui encontrando ou forjando conexões com matéria musical diversa, que de alguma forma esteve presente ao longo de minha formação como músico. Fui construindo e atravessando a ponte imaginária que em mim liga as canções dos cantadores com o brega do Recife, que por um caminho mais torto também conecta-se com o rock por ser filho bastardo da Jovem Guarda. Também a viola, que me levou de volta à guitarra, que tive que reaprender sob intensa influência de música pop africana e ... era pra ser um texto sobre a poesia, então...

Preparando o salto: Se você olhar e não se ver, quebre o espelho. Juntando os pedaços, a liberdade de se recompor como quiser. Canção devedora de *Voltando à minha terra*, de Severino Feitosa, na irregularidade rítmica do compasso subjugado à inconstância na métrica do verso.

Brisa: A descoberta da relação íntima e secreta que a verdade e a contradição mantêm entre si. Ciranda em quadras e refrão, com uma primeira linha em quatro sílabas bem característica do estilo. Um tanto de hard rock e um dos pontos altos da tuba de Léo Gervázio no disco.

Ariana: Mais uma “canção”, ao mesmo tempo um martelo com refrão estendido, bem à maneira dos cocos mais extensos de Zé de Teté, cantor de Limoeiro.

Cantando ciranda na beira do mar: Galope à beira mar da cantoria de viola, travestido de “ciranda-rock” e revelando os efeitos de alguma leitura de poesia épica.

A bagaceira: Ex-frevo travestido de brega, abolerado de alta rotação. Auto-biográfico

mas com bastante exagero, ainda bem. Na relação entre a letra e suas metamorfoses musicais, uma aplicação prática do que pude aprender na convivência com o poeta Zé Galdino de Ferreiros, que se apropria a cada momento da música que melhor se preste ao contexto, da cantoria para a ciranda, depois para o maracatu, sempre a serviço de seus versos... como não aproveitar a lição?

Canoa furada: Quase-ex-mas-ainda-sendo-frevo autobiográfico. Rir de si como estratégia de sobrevivência. Punk rock com notas de rumba congoleza. Psicodelia em algum ponto da degustação.

Mute: Hendrix e Etiópia. Silêncio, a voz que se foi ...

Um verso preso: Uma estrofe antecede a voz que ensaia o retorno. Na forma, uma décima tradicional e mais nada. Viola de cantoria, elétrica. Baião.

Avante: A retomada, o reencontro com a força propulsora, o empurrão e o movimento. Sextilha, musicalmente devedora de um desafio entre Ivanildo Vila Nova e Manoel Chudu em 1977, gravado em fita cassete que escutei até a exaustão anos a fio. Rock que queria ser baque solto. Kinshasa ao longe.

Qasida: Nada está onde estivera, o que se procura está em canto algum, mas existe... Título levemente apropriado de um estilo de poesia oral árabe pré-islâmica que tem ou tinha como tema inicial a chegada do poeta a um acampamento recém-abandonado. Martelo agalopado em ritmo ternário emprestado de música elétrica Tuareg.

Bravura e brilho: Descrição, com pouca fantasia, da primeira infância de meu filho, com andamento do texto construído com apropriações de recursos melódicos e rítmicos da música congoleza.

Dito isso, algum ponto de chegada? O diário agora iniciado segue *Avante*.

SOBRE O TEXTO

A nosso convite, **Siba** aceitou fazer um passeio pela poesia e o imaginário do seu elogiado álbum *Avante*.



Pelo telefone

– **Alô (com indisfarçável má vontade)...** Te disse pra não telefonar. Nunca.
– Sei disso. Só que...
– “Só que” nada, pô. Vou desligar.
– Ouve, primeiro. É sobre a loura.
– Pior ainda. Esse assunto é outro Vietnam, aqui dentro.
– Vietnam que vai piorar. Nas próximas horas.
– Cara, cê tá onde?
– Que pergunta é essa? Brentwood. Em frente da casa da vagabunda, onde montamos a...
– Não sei de nada. Não sei com quem tô falando, nem conheço loura nenhuma.
– Frescura. Ouve, que é melhor. Ela *pirou*.
– Novidade nenhuma. Frank me disse.
– O quê?
– Que ela *pirou*. Aliás, sempre foi pirada...
– Aquele cantorzinho sabe de merda nenhuma.
– Você não diz que ela “*pirou*”? Então, ele sabe.
– *Pirou m-e-s-m-o*, eu quis dizer. Não é só uma frase.
– Que fase?
– Frase. Não é só conversa fiada, isso dela *pirar*. Tô falando de loucura **mesmo**... Ela tá lá na casa, deitada, sem tomar banho...
– Grande novidade.
– Pera aí. E menstruada sem tampão...
– Pô.
– Isso num é nada. Espera pra ouvir o resto.
– Devia tá dopadinha, *quetinha*, isso sim. A gente paga a porra de um médico...
– A mulher ficou fora de controle, Bob. Agora, ela ficou.
– Como assim? Conheço a doida bem demais.
– Conhece nada...

(Silêncio, logo depois que surgem uns ruídos de telefonia)

– Que é isso? Tá escutando?...
– Sei lá. Te disse pra não ligar.
– Desligo?

– Pera aí. Vou dar outro número.
– Pra ligar?
– Anota, engraçadinho: 33-07-66-02.
– DF?
– Claro, né? Saigon é que não é.

(Curto intervalo)

– Alô.
– Pronto. Vai, fala.
– O que foi *aquilo*?
– Menor ideia. Isso aqui é vizinho do Oval, pô. Todo mundo grampeia todo mundo...
– Eu sei. Trabalhei aí quase a vida toda, lembra-se?
– Pois é. E a loura? Por que você acha que ela *pirou* mais ainda?
– Hein? A outra linha tava melhor.
– Esta é mais segura.
– Fala mais alto.
– Uma ova. Tenta *escutar* mais, tira a cera do...
– Não tô escutando quase nada, agora.
– Merda. Não posso GRITAR.
– Agora tô ouvindo.
– A loura. Por que ela parou?
– Parou de quê?
– Você num disse que ela *pirou*? Ela parou de ser razoável. Com o Jack.
– É pior do que pensam. A gente gravou ela dizendo que vai falar. Tudo.
– Tudo o quê?
– *Tudo*.
– ...
– Alô?
– Sobre o quê?
– Sobre a ligação com vocês.
– Pera aí... Que ligação?
– Dela. Contigo e com teu irmão.
– Com o Presidente?
– É. Com o Procurador e com o Chefão.



- Não tem "chefão" aqui.
- Tem.
- Você tá falando do Presidente dos Estados Unidos, idiota.
- Teu irmão sempre armou. É doente pela coisa.
- Cala a boca.
- Vi Jack de cueiro. Você nem era nascido ainda. Vão pra merda, os dois.
- ...
- Alô.
- Escuta. Tás falando o que não dev...
- Entende, Procurador, vou soletrar: num-dá-mais-tempo. Só isso.
- Pra quê?
- Cê num tava querendo "conversar" com ela de novo? Não dá mais.
- Claro que dá. Nem que tenha que bater na suja.
- Já falei: ela pirou. MM pirou. Diz até que abortou.
- Como é?!

- Tô falando: ela pirou.
- Para de falar "ela pirou". Que negócio é esse de aborto?
- Ela está disposta a jogar merda toda no ventilador, Robert. Sério. E basta ela fazer uns telefonemas, convocar os putos da imprensa...
- Pô. A merda cobre.
- Então. E enche o Oval (e o país inteiro): de sujeira, de esperma, de droga, de Sam Giancana...
- Esse tá ferrado, o sacana.
- Tá nada. O Sam tá é muito puto com vocês dois...
- Me respeita, cara. E respeita o Presidente.
- Cacete que eu respeito. Dois fudedores comendo todo mundo...
- Cala essa boca.
- VOCÊ me escuta, garoto. Os dois armam, e sobra pra quem? Pra mim. Pro "tio" velho.
- O que é que ela quer? Dinheiro?
- Ela tem.
- Uma merreca.

- Mas assim mesmo ela não quer mais merreca de grana, santo deus. Entende isso, cara. Nem tudo é dinheiro.
- Ô "São Franciscuzinho", desembucha de uma vez. O que é que a porra da mulher tá querendo?
- O que ela quer? Ela quer *ferrar*.
- Alô?
- FERRAR. Ela quer isso! Chamar todo mundo, dizer: "sabe quem me come? Eles, os dois..."
- Isso é loucura. Fica calmo.
- Foda-se. Tô calmíssimo. E vendo ela aqui, na minha frente, pelo monitor. Tá possuída, a doida...
- Desliga...
- Desliga o quê? Meu monitor?
- O telefone! VOCÊ tá gritando, cacete.
- É ela que vai gritar. Pra todo mundo ouvir. Jornal, rádio, TV, o escambau...
- ...
- Vai gritar que quer casar com o Jack Grandão.
- ...
- "Happy birthday Mr. President"... (*canta em falsete, irônico*)
- ...
- Parece até que eu posso ver o casalzinho, e Bob, o mister Procurador... de padrinho.
- CALA A B-O-C-A.
- Eu to avisando: essa mulher é pior que um ataque de míssel russo.
- Deixa eu falar com o Jack.
- Agora?
- Agora. Ele tá vindo pro Oval. E já tá encarando...
- O quê?
- A solução.
- Final?
- Hum-hum.
- *Aquela?*
- Você próprio acaba de dizer que ela agora ficou doida pra *ferrar* todo mundo.
- Tá gravado aqui. Posso mandar a fita.

- Manda não. Tu tem razão. Agora, tem é que parar essa desgraçada.
- Bom, isso aí já é falar como homem. Nembutal? (*Silêncio, por um momento*)
- Bob? Alô?...
- Tô aqui.
- Nembutal?
- É. Nembutal. Mas, **SL**. Serviço limpo.
- Autópsia, tudo garantido?
- Cem por cento. Altamente profissional, nem preciso dizer.
- Sim, mas olha que é a MM, hein? Num é uma qualquer, como aquelas que...
- Escuta, eu vou desligar. Tá ficando perigoso. E Jack chegou lá no Salão. Acendeu a luzinha aqui.
- E o irmãozinho vai falar claro com ele?
- Vou. Mas ele mesmo já tinha pensado em se livrar *agora*, bem antes da campanha.
- Ok. E eu fico esperando autorizar "despirar" a loura forever?
- Fica. Mas isso não vai ser pelo telefone.
Um click, desligando.

NB:

A atriz Marilyn Monroe, de 36 anos, foi encontrada morta em menos de 24 horas depois dessa conversa por mim transcrita na manhã de 10 de agosto de 1962.

Os jornais informaram mais ou menos assim: "MM faleceu enquanto dormia em sua casa de Brentwood, na Califórnia, aparentemente por efeito de um dose letal de barbitúricos ingeridos pela atriz com a intenção de acabar com a própria vida..."

E hoje está até na geleia geral da Wikipédia: "Ninguém sabe de fato o que aconteceu naquela noite. Ouviu-se o barulho de um helicóptero. Uma ambulância foi vista esperando fora da casa dela antes que a empregada desse o alarme. As gravações de seus telefonemas e outras evidências desapareceram. O relatório da autópsia foi perdido. Toda a documentação do FBI sobre sua morte foi suprimida e os amigos de Marilyn que tentaram investigar o que aconteceu receberam ameaças de morte".

RESENHAS

KARINA FREITAS



Cuidado com seu coração: o Destino vai lhe dar susto

Livro reúne as principais crônicas da coluna *Sexo @ Cidade* de Flávia de Gusmão

Schneider Carpeggiani

Há pouco uma amiga chegou afobada contando da consulta que fez ao pai de santo plantonista num mercado público do centro. Por R\$ 20 e 20 minutos, o oráculo de aluguel lhe prescreveu a receita ideal para apaziguar as dores do seu crônico tédio: em menos de um mês um homem apareceria na sua vida de forma repentina. O envolvimento seria efêmero, mas duraria o suficiente para colocar de cabeça para baixo sua vida amorosa por um bom tempo. Apesar de assustada com a possibilidade da montanha-russa emocional, ela não via a hora da profecia se realizar. Mas o Nostradamus recifense lhe fez uma pergunta que não caberia naquele momento de tamanha excitação: “Não quer saber de outras áreas da vida, nada de família, nada de saúde?”. “E eu lá queria saber de disso. Quero saber de amor”, me contou, indignada. Sua sinceridade não poderia ser mais certa.

Família + saúde, apesar de fazerem parte do

pacote, não são os itens mais preciosos dessa instituição que prezamos e tememos com igual intensidade chamada Destino (com maiúscula). Destino é final feliz por um triz e frio na barriga. Ninguém merece tirar férias para fazer raio-x ou exame de sangue. Vivemos na expectativa de um encontro sobrenatural e, por isso, muitas vezes tomamos todo o entorno da nossa existência por uma grande sala de espera bege. Em nome do Destino, esquecemos que o “nada” pode ser alguma coisa e vamos a oráculos fajutos, lemos horóscopos, Balzac, passamos horas no mimimi com os amigos... É preciso o mínimo de conhecimento de causa para quando o imprevisto chegar ou se atrasar.

É diante de tamanhas expectativas que compreendemos o sucesso da coluna *Sexo @ Cidade* que a jornalista Flávia de Gusmão publica desde 2006 no *Jornal do Commercio*. Aos risos, ou melhor, às gargalhadas, a cronista vem

subvertendo o receituário do aconselhamento sentimental ao questionar o que ficou combinado como certo para homens e mulheres, seja lá de que orientação sexual eles forem. Se o Destino é imprevisível, que assim você também se comporte, parece ser sua maior lição.

No final do mês, Flávia lança o livro *Sexo @ Cidade*, catalogando os melhores textos da sua coluna. Quando lidas de uma só vez, essas crônicas colocam uma lupa de aumento no papel *sui generis* que Flávia ocupa em meio à história literária do Recife: os cronistas locais, em geral, se dispuseram mais a pensar a cidade e suas contradições do que a enfrentar o difícil das relações emocionais debaixo desse sol que nos (des)protege. Flávia não é *Casa-grande e senzala*; é *Apartamento e Barzinho*.

Pela leitura dos textos de Flávia podemos perceber ainda o quanto os problemas amorosos humanos mudaram pouco desde a invenção do fogo. Somos, todos nós,

vítimas e criminosos de uma equação maluca de falta de cuidado e pouca comunicação eficiente. Talvez saibamos disso desde o princípio dos tempos. Mas é preciso alguém que nos puxe pela memória vez por outra.

Apesar da cronista jamais condenar seus leitores à sala bege do Destino, como faria um pai de santo de mercado público, ela prefere lembrar que, melhor que o tal do Destino, existe uma instituição chamada Tempo, capaz de apaziguar as dores e renovar o espírito, talvez não com o salto brusco de um novo amor, que irá pular na sua cara como um ladrão numa rua escura. O Tempo irá agir “devagarzinho, nos cheiros estranhos, nos nomes difíceis de gravar, a gente vai se achando de novo. Ah, se vai”.

CRÔNICAS

Sexo @ Cidade

Autora - Flávia de Gusmão

Preço - Não definido

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

POESIA

Recife entra no circuito internacional de grandes festivais poéticos com evento no próximo mês

O Recife dá o primeiro passo na direção do circuito internacional dos grandes festivais poéticos – como acontece em Havana, Medellín e Granada –, promovendo, de 7 a 10 de junho, o I Festival Internacional de Poesia do Recife, com recitais, performances e bate-papo na Torre Malakoff, Biblioteca Pública do Parque 13 de Maio, mercados da Madalena e Boa Vista, entre outros locais.

Nomes importantes já estão confirmados, como Aurelia Lassaque, da França, que escreve em occitano, a língua dos trovadores medievais; Ricardo Domeneck (foto); Ron Whitehead, poeta performático da *storm generation*, que sucedeu a *beat generation*; Ernesto de Melo e Castro, português radicado em São Paulo, que faz poesia experimental; o poeta popular Oliveira de Panelas e outros.

REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO



Uma “mártir” revelada

O suicídio de Sylvia Plath colocou em primeiro plano a imagem de uma mártir para o feminismo e escanteou a força de uma das obras poéticas mais impactantes do século passado. Sylvia será sempre lembrada como a vítima de um marido desatento e infiel, o também poeta Ted Hughes, que igualmente teve sua importância como escritor ofuscada pelo impacto da tragédia. Que ficção pode concorrer com a vida como ela é (ou não deveria ser)? A jornalista norte-americana Janet Malcolm (foto) buscou investigar o estardalhaço que cercou a morte da poeta em *A mulher calada*, relançado agora no Brasil em edição de bolso. Como é um traço da sua obra, Janet não se restringe a um só gênero no seu texto: mescla psicanálise, reportagem e arroubos literários para investigar nosso fascínio em relação à

figura de Sylvia, através das entrevistas, leitura de diários e biografias sensacionalistas. Ano passado a Companhia das Letras trouxe de volta às livrarias *O jornalista e o assassino*, obra-prima da autora que descortina a tensa (e sempre ambígua) relação entre um repórter e sua fonte. **(S.C.)**



REPORTAGEM

A mulher calada
Autora - Janet Malcolm
Editora - Companhia das Letras
Preço - R\$ 23,00
Páginas - 240

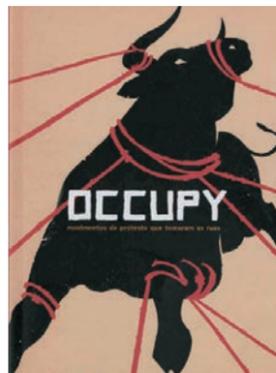
DIVULGAÇÃO



Ocupe-se nas ruas

O movimento #ocupeEstelita, ocorrido no Recife, mês passado, causou uma série de polêmicas nas redes sociais. Houve quem reclamasse até do direito de pessoas de classe média ocuparem as ruas para reclamar, como se a condição econômica de alguém fosse determinante para a legitimação da sua cidadania. O #ocupeEstelita foi uma versão tardia dos recifenses para as ocupações ocorridas em locais públicos em boa parte do mundo durante 2011. Foram ocupadas lugares simbólicos como o coração econômico do mundo, a Wall Street. É claro que tamanha mobilização popular não escapou do olhar agudo dos intelectuais. Uma seleção de textos sobre essa movimentação, escritos no calor da hora, é o que traz

Occupy, que a Boitempo Editorial acaba de lançar. Há escritos de nomes como Tarik Ali, David Harvey e Slavoj Zizek, que sempre agudo e certeiro nos pontua: “o tabu foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão, a obrigação até, de pensar em alternativas”. **(S.C.)**



ENSAIO

Occupy - Movimentos de protestos que tomaram as ruas
Autores - Vários
Editora - Boitempo e Carta Maior
Preço - 10,00
Páginas - 88

PRATELEIRA

RETRATOS ANTIGOS (ESBOÇOS A SEREM AMPLIADOS)

Autobiografia que detalha a vida da família Lispector. Descreve pessoas e costumes, rituais religiosos e pratos típicos servidos nas datas especiais, em tempos de fartura na Ucrânia, a fuga, devido à perseguição aos judeus, e a adaptação ao Brasil, onde passaram dias de miséria. O talento de Elisa Lispector, irmã mais velha de Clarice, é reafirmado nesse livro de memórias, que só foi descoberto após sua morte, em 1989.



Autora: Elisa Lispector
Editora: UFMG
Páginas: 144
Preço: R\$ 85,00

MÍMICA NO AQUÁRIO PREDILETO

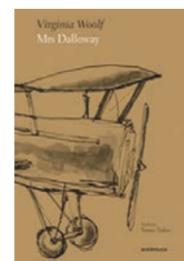
Misturando memória e ficção, lembrança e fantasia, autobiografia e literatura, o ex-aluno de ciências biológicas na Universidade Federal São Carlos, escritor Lincoln Amaral, descreve a vida no campus, no período de 1981 a 1985, quando os estudantes estavam tomados pela efervescência do ideal do combate à ditadura militar, e para isso empregavam como armas a participação política e a expressão artística.



Autor: Lincoln Amaral
Editora: UFSCar
Páginas: 367
Preço: R\$ 31,20

MRS. DALLOWAY

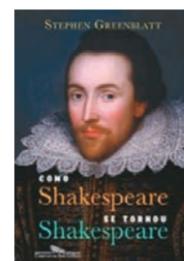
Nova tradução de um dos livros mais importantes de Virgínia Woolf, escrito em 1925, que rompe com as convenções do romance tradicional e estabelece as bases de uma nova estética ficcional, que posteriormente seria definida como modernismo literário. O tradutor introduz notas sobre a vida e obra da autora e um índice onomástico sobre ruas, monumentos e personalidades que aparecem no romance.



Autora: Virginia Woolf
Editora: Autêntica
Páginas: 272
Preço: R\$ 95,00

COMO SHAKESPEARE SE TORNOU SHAKESPEARE

Numa interpretação inovadora, Stephen Greenblatt especula sobre os processos de criação de Shakespeare, preenchendo lacunas da sua biografia. Ele estabelece vínculos entre cenas das peças teatrais e fatos reais, como o enforcamento de um médico judeu em Londres e *O mercador de Veneza*; o catolicismo camuflado da família e o fantasma que assombra Hamlet; ou entre a morte do filho do dramaturgo e a cena do enterro de Cordélia.



Autor: Stephen Greenblatt
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 456
Preço: R\$ 59,00

SEMINÁRIO

Encontro visa formação crítica do público-leitor

O Núcleo de Educação e Linguagem da Universidade de Pernambuco promove no campus de Nazaré da Mata, nos dias 22 e 23, um Seminário aberto à população, com oficinas, minicursos, mesas-redondas e conferências. Os temas são leitura, formação crítica do leitor, biblioteca na escola e literatura infantojuvenil. A coordenação é do professor Alexandre Furtado.

CAPIBARIBE

Um museu virtual para multiartistas

Qualquer obra que tenha o rio Capibaribe como tema, seja em vídeos, fotografias, músicas, textos literários etc., é importante para a formação do acervo do Museu Capibaribe, que busca contribuir para conscientizar as pessoas da importância da preservação do rio através do registro de sua beleza. Para compor o acervo do museu é só postar no site www.museucapibaribe.com.

MULHERES

Grupo Vozes Femininas fará recitais em Olinda

O grupo Vozes Femininas (formado por Cida Pedrosa, Mariane Bigio, Suzana Moraes e Silvana Almeida), criado em 2009, que dá visibilidade à produção poética de mulheres, tem agenda de recitais em Olinda, este mês. Nos dias 19 e 26, será promovido o *Cardápio Itinerante de Poesia*, e no dia 25 haverá o *Sarau Artístico Literário* na Biblioteca Municipal de Olinda, no Carmo.

○ **PERNAMBUCO** COMPLETA
5 ANOS E, PARA COMEMORAR,
 ARRANCOU DE UM TIME DE
 ESCRITORES AS VERDADES
 SOBRE AS SUAS FICÇÕES

Bernardo Carvalho
 Daniel Galera
 Alberto Mussa
 Michel Laub
 Ana Maria Machado
 Antonio Carlos Viana
 Rubens Figueiredo
 Santiago Nazarian
 Eric Nepomuceno
 Salim Miguel
 Luís Henrique Pellanda
 Carlos de Brito e Mello
 Elvira Vigna
 Leonardo Brasiliense
 Carola Saavedra
 Marcelino Freire
 Ronaldo Wrobel
 Salim Miguel
 Micheliny Verunschik
 Raimundo de Moraes
 Marcelo Ferroni
 Andrea del Fuego
 Ana Paula Maia
 Julian Fúks
 Sidney Rocha
 Antonio Xerxenesky
 Eliane Brum
 Eucanaã Ferraz
 Luiz Ruffato
 Ronaldo Correia de Brito
 Ricardo Lísias
 Tatiana Salem Levy



Ficcionalis



O livro *Ficcionalis* faz um apanhado dos principais textos que participaram da coluna Bastidores, do **PERNAMBUCO**, na qual escritores e tradutores descortinam o processo de composição das suas obras